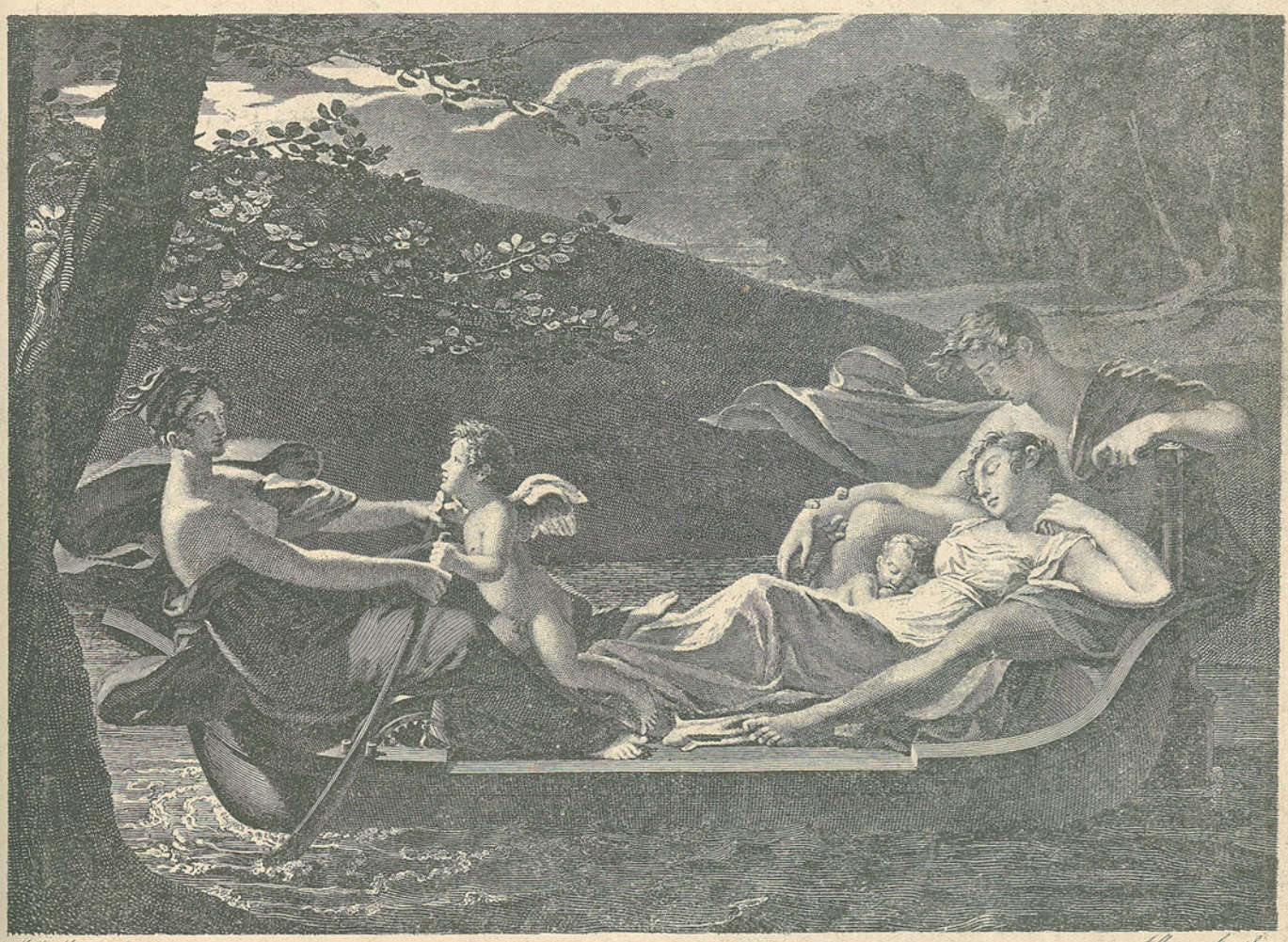
ILUSTRAÇÃO

N.º 271 — 12.º ano



Mr.ne Mayer pinx.t — Allais sculp. 1829.

AO SORRIR DA PRIMAVERA

Quadro de M.e'le Mayer — Gravura de Allais — Museu do Luxemburgo

Conduzido pelo Amor e pela Fortuna, segue êste casal feliz, na corrente suave e cristalina das suas aspirações mais gratas

1-ABRIL-1937

PREÇO - 5 escudos

O mundo na mão

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis organizada por um grupo de professores e homens de letras

A VENDA

a 2.ª edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reune tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez, a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a côres e ouro, **Esc. 30$00**; pelo correio, à cobrança, **Esc. 33$00**

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 3o - Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Uma chavena d'
'OVOMALTINE'
pela manhã
dá energias para um
dia de trabalho
ao deitar
assegura um sono
tranquilo e natural.

À venda em todas as Farmácias, Drogarias e Mercearias em 1/1, 1/2 e 1/4 de lata
DR. A. WANDER S. A. — BERNE
ÚNICOS CONCESSIONÁRIOS PARA PORTUGAL:
ALVES & C.ª (IRMÃOS) — RUA DOS CORREEIROS, 41-2.º — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS
Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dôres com o
ESPECIFICO BÉJEAN

O remédio mais ACTIVO prescrito pelas autoridades médicas contra
a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos
e todas as dôres de origem artritica
Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.
Á venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris

À VENDA
o 5.º volume
CAMÕES LÍRICO
(CANÇÕES)
PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**
Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa
1 vol. de 320 págs. broch. ..... **12$00**
Pelo correio à cobrança ..... **14$00**
Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

EXPERIMENTE DURANTE 3 DIAS
Esta Receita de Beleza

Quando se vê aparecer no écran o rosto duma bonita «estrêla» de cinema, podemos ficar certos de que a sedutora beleza da sua pele e do seu rosto não é uma simples obra do acaso. Há um segrêdo que pode ser o seu. A sua pele pode tornar-se tão extraordinàriamente bonita como a dela. Isto em 3 dias apenas. Preciosos ingredientes, entre os quais o creme fresco e o azeite predigeridos, estão contidos, presentemente no novo Creme Tokalon, Côr Branca (não gorduroso). Uma ou duas aplicações por dia dão à pele uma nova vida. Tónico, embranquecedor o adstringente, suprime, com uma rapidez impossível de atingir por outra cousa, os poros dilatados, pontos negros, rugosidades e tôdas as imperfeições da face. Protege contra as impurezas e poeiras destruidoras — conserva sempre o rosto fresco e claro e forma uma base ideal para o pó de arroz. Experimente, hoje mesmo, esta simples receita de beleza e não receará comparar a sua pele nova com as das «estrelas» do écran. Garante-se que o Creme Tokalon dá ótimos resultados; em caso contrário, o dinheiro do custo ser-lhe-ia restituido.

A' venda em tôdas as perfumarias e boas casas do ramo.
Não encontrando, escreva à
Agência Tokalon
88, Rua da Assunção — LISBOA
que atende na volta do correio.

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodiáco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

Banhos de agua fermal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultravioletas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin

(CHARLOT)

Interessantíssimo livro do popular

ÀS DO CINEMA

1 volume de 250 páginas, brochado **8$00**

À venda em tôdas as livrarias

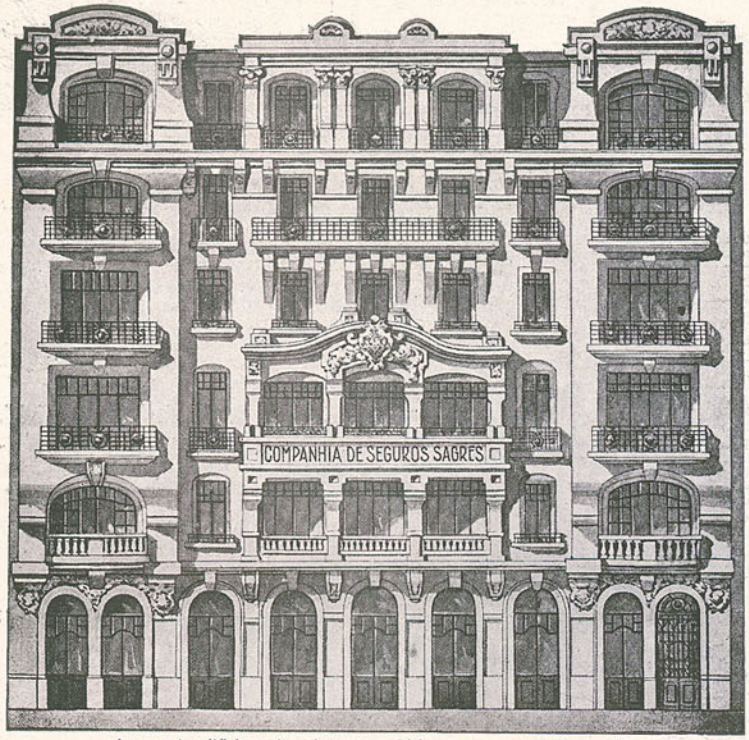
Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa, pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA
TELEFONES . 2 4171 — 2 4172 — P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000$00

Seguros de vida em tôdas as modalidades

O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

VIAGENS EM ESPANHA

POR **JÚLIO DANTAS**

à venda o 3.° milhar

O pórtico da glória — La maja desnuda — Os bôbos de Velásquez — Galiza e a saudade — Mósen del Sevillano — A Aljaferia de Saragoça — Princezas de Moro e de Ticiano — O túmulo de Rosalia — A armadura de D. Sebastião — O luar de Pontevedra — La Tirana — Las mujeres son buenas — Bárbara de Bragança — Rainha de uma noite — Carlota Joaquina num quadro de Goya — A língua galega — A rainha peregrina — El Português en Sevilla — A loucura de Don Quixote — O castelo do rouxinol — Lopo de Vega em Portugal — Um português na obra de Cervantes — Puente de Bárzia — Toledo e o «Greco» — Los desastres de la guerra.

Um volume de 312 páginas, brochado, com capa a côres, oiro e prata . . . . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **14$00**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 73 — LISBOA

O Boémio pode recolher a casa

SEM LUZ

mas o homem de acção precisa,
logo que se levanta, de

MUITA LUZ

Na escuridão ninguém trabalha. O homem tem necessidade de luz para proteger a vista, exigindo que essa luz seja abundante, suave e agradável.

São precisamente estas as características de luz difundida pelas lâmpadas

PHILIPS «D D» de filamento duplamente espiralado

Elas são cientificamente medidas e economizam até 40% no consumo de corrente.

Para proteger os olhos; para a execução perfeita de todos os serviços; para melhor aplicação da sua actividade USE

Super-Arga **PHILIPS "DD"**

Acaba de aparecer a 9.ª edição

D. PEDRO E D. INÊS

«O GRANDE DESVAYRO!»

Romance por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 vol. de 324 páginas, brochado, com capa a côres e ouro, Esc. **12$00**; pelo correio à cobrança, Esc. **14$00**

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Horas sem sofrer...

Horas felizes

E'preciso ser sempre assim porque a alegria prolonga a vida. Pelo contrario, a dôr envelhece. Por isso, cuidai que jamais cessem as horas felizes na vossa vida tomando imediatamente

Cafiaspirina

assim que começarem quaisquer dôres.

BAYER

SAMUEL MAIA

Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃIS

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado, encad., **17$00**; broc., **12$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 271 — 12.º ANO
1-ABRIL-1937

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A FOME DE UGOLINO

(No 1.º centenário da morte de Domingos António de Sequeira)

No dia 8 de Março passou o centenário da morte do grande pintor Domingos António de Sequeira que teve a desgraça de vir ao mundo em má ocasião, não só pelas convulsões políticas da Europa, como pela pouca aceitação que a Arte merecia àqueles que mais podiam auxiliá-la.

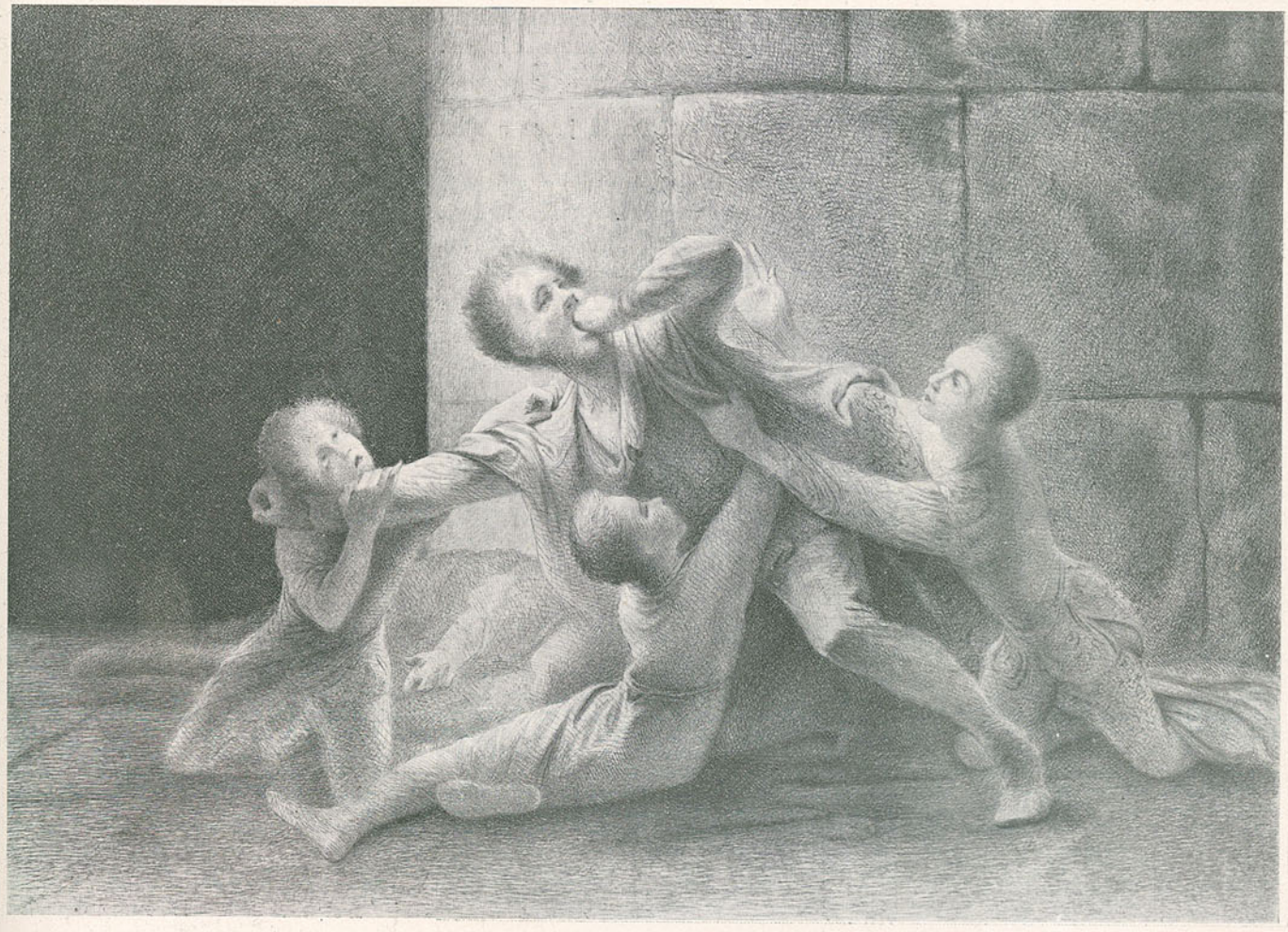
Hoje, em dia, apesar do bafejo civilizador que está abalando o mundo inteiro como um tufão, os artistas pouco ou nada melhoraram na sua situação económica.

Foi talvez visionando a fome, que várias vezes ameaçou o genial artista, e o teria empolgado se êle não lançasse mão do recurso de empresário de barcas para banhistas, que êle esculpiu a sua formosa água-forte *A fome de Ugolino* em que se patenteia com todos os horrores o inconcebível suplício do tirano Della Gherardesca. Os tenebrosos crimes do Conde de Ugolino bastariam para o mergulhar na mais feroz das execrações se não viesse em seu socorro o genial autor da *Divina Comédia* que da tragédia da Tôrre da Fome fez um dos mais arripiantes episódios do seu imortal poema. Assim, os crimes de Ugolino esqueceram para só ficar a memória da sua terrível desventura.

Eis como é contada a apavorante história que Sequeira escolheu para tema da sua água-forte primorosa:

Tendo-se apoderado, em Pisa, do poder supremo por meio de traição, Ugolino deu largas à sua crueldade sanguinária, assassinando os seus inimigos e arrazando-lhes as casas. Surgiu então o arcebispo Ruggiero Ubaldini que, graças a uma bem urdida conspiração, se apoderou do tirano, encarcerando-o com dois filhos e dois netos na Tôrre de Gualandi. Poderia mandá-lo esquartejar, mas o suplício afigurava-se-lhe suave de mais para um tal criminoso. Tinha encontrado melhor: Ugolino e os seus seriam encerrados na tôrre, cujas chaves atiradas ao rio Arno, não mais abririam aquelas portas inexpugnáveis, nem mesmo para a entrada de alimentos. E, assim, Ugolino sucumbiria à fome. Diz a lenda que o malfadado Ugolino foi o último a morrer, depois de haver tentado alimentar-se, devorando os cadáveres de seus filhos.

E' esta a pavorosa cêna que o grande Sequeira nos coloca ante os olhos na sua magnífica água-forte que abaixo reproduzimos.



Domingos António de Sequeira — gravura de Pedrozo

DECORRIDOS CEM ANOS...

O centenário da morte do grande pintor Sequeira

passou despercebido na terra que lhe foi berço

PASSOU ha dias o centenário da morte do grande pintor Domingos António de Sequeira, e nada se fez que constituísse uma condigna homenagem ao glorioso artista que, «longe da sua Pátria, tanto se esforçou, ainda mesmo quando doente — êle próprio o declarou — por evitar que o nome de Portugal fôsse confundido na ignorância».

Mais fizeram os estrangeiros que lhe renderam preito, mesmo até quando entre êles pudesse existir uma certa rivalidade.

Quando Sequeira pintou «A morte de Camões», teve a satisfação de receber os mais calorosos elogios dos primeiros talentos franceses.

Na carta que enviou para Portugal, o artista diz com o mais justificado orgulho:

"... ora como eu visse e observasse que aqui, em geral, os pintores franceses apuram-se muito no brilhantismo das cores, propus-me, para fazer algum destaque dêles, fazer um painel tétrico e um sujeito triste e o lume de uma candeia, para só fazer vêr o efeito optico e expressão, do que resultou que o barão de Gerard, que é o primeiro pintor do rei da França, e, na minha opinião da Europa, quando o convidei a vê-lo, disse: — "Verdadeiramente vejo no vosso painel que sois um pintor consumado desde os pés até à cabeça, e o vosso painel é feito para os grandes artistas mais do que para o vulgo e deleitantes que amam só o bonito» — e em geral todos os outros, por diferentes frases, me diziam o mesmo».

Em Portugal é que nada lhe disseram!

Êste tão mal compreendido artista nasceu em Belém, no dia 10 de Março de 1768 e era filho do barqueiro António do Espírito Santo e de sua mulher Rosa Maria de Lima.

Foi baptizado na paróquia da Ajuda, sendo seu padrinho Domingos de Sequeira Chaves que lhe impôs o nome e o apelido. Assim passou a chamar-se Domingos António de Sequeira por ser êste nome mais sonante do que o que seus pais lhe poderiam dar.

Dedicou-se ao desenho e conseguiu ir para a Itália como pensionista do govêrno português. Ali se aperfeiçoou, chegando a criar, em pouco tempo, uma certa fama em volta do nome honrado que levava. Hospedou-se em casa duma família de apelido Cometti, não tardando a apaixonar-se por uma formosa joven que ali encontrou.

Amou-a tão ardentemente que por ela se decidiu a conquistar glória e fortuna. Quis ser célebre e rico, muito rico, para depôr tudo aos pés da sua bem-amada que, um dia, conduziria a Portugal com todas as honras de uma grande rainha!

Estudo para o quadro «A morte de Camões», de Domingos António de Sequeira

Em dado o momento, o govêrno português, em face da guerra franco-italiana, ordenou a sua retirada imediata. Tentou vários subterfúgios, mas as ordens do seu protector, o terrivel Pina Manique não admitiam a mais ligeira discussão.

Á despedida, o artista jurou à sua adorada Nannina amá-la sempre, e voltar no mais curto praso.

Prometeu e cumpriu, mas a ingrata é que depressa se esqueceu do combinado, casando, pouco depois, com o primeiro adorador que lhe apareceu...

Completamente desiludido, regressou a Lisboa, indo recolher-se como noviço na Cartuxa de Laveiras. Ali se conservou desde o começo de 1796 a meados de 1802, e teria professado, se D. Rodrigo de Sousa Coutinho, mais tarde conde de Linhares não tivesse levado a peito dissuadi-lo dos propósitos de clausura que o perderiam para a Arte Nacional.

Após o seu refúgio na Cartuxa de Laveiras, voltou à vida, começando a trabalhar com o maior afinco. Mas, tal como hoje sucede, a arte estava pelas ruas da amargura.

Conta-se até que, tendo o conde de Val-de-Reis encomendado a Sequeira dez quadros de batalhas para ornamentar os salões do seu palácio, o pintor lhe pedira 1.000 moedas, que, ao tempo, representavam 4.800$000 reis. O fidalgo, espavorido, nem sequer resposta deu.

Estas e outras desilusões levaram o genial pintor a pôr de parte os seus pinceis e a fazer-se empresário de barcas, consoante o autentica o alvará assinado em 3 de Novembro de 1804 pelo principe regente D. João, concedendo a Domingos António de Sequeira "o monopólio, por vinte anos, de embarcações de banhos, construidas com quartos, de maneira que com tôda a comodidade, decência e sem perigo; podesse cada pessoa privadamente aproveitar-se de um cómodo, que por todos os princípios vinham a ser muito úteis e muito mais por haver embarcações separadas, umas só para os homens, e outras para as mulheres.

E assim foi ganhando a sua vida, tudo levando a crer que viria a fazer fortuna se a paixão pelas Belas Artes não o atraísse como a chama fulgurante duma lâmpada que atrai as borboletas para lhes queimar as asas.

Para se avaliar a consideração que Domingos António de Sequeira merecia aos estrangeiros, bastará citar a seguinte crítica publicada no *Gentleman's Magasine*, em Março de 1814, e transcrita, três anos depois, na *Mnemósine Lusitana*:

"Nenhum país tem sido sujeito a ser tratado com menos candura por viajantes superficiais do que Portugal: tenho muitas vezes ouvido asseverar que as Artes, as Ciências, e a Literatura estão ali totalmente extintas.

"Não pretendo avançar que estão em um estado muito florescente; contudo, a justiça me obriga a asseverar que existem ali alguns homens que tributam atenção aos processos literários e científicos, e entre êles um, cujas produções da Arte clamam por sua muito alta distinção. Este é o senhor Domingos António de Sequeira, artista de gôsto, de génio, e criador. Residiu dez anos em Itália, e empregou com diligência o seu tempo em transferir às suas produções as maiores belezas que as obras dos grandes mestres da Arte apresentam ao discernimento do estudante.

"Na ante-câmara do refeitório do Convento da Cartuxa de Laveiras, há cinco quadros que patenteiam os seus talentos esplêndidos, e reflectem um lustre sôbre o país que lhe deu o ser. Nestes quadros demonstrou um cabal conhecimento da sua arte, por isso que desenvolve uma variedade considerável no seu estilo e maneira.

"O primeiro quadro representa S. Bruno no acto de orar de noite. É uma imitação viva de Gerardo de la Notte.

"No segundo se vê S. Bruno em pé com um crucifixo na mão. As extremidades desta figura são formadas com os toques de um Guido.

"O assunto do terceiro é a conversão de S. Bruno, no momento da reaparição de um defunto, doutor em Paris, e no acto de serem celebrados os ofícios divinos, três dias depois da sua morte. O efeito, que produz esta pintura, é de grande impressão; e o terror, e a admiração dos espectadores se desenvolvem ali com expressão mestra. O todo é correcto, e o colorido superiormente judicioso. Os grupos estão muito bem colocados, e cada figura representa uma parte nesta cena interessante. Algumas das mesmas figuras parecem absolutamente que saltam do pano.

A Caridade — gravura de Domingos Antonio de Sequeira

Litografia original de Sequeira

"O quarto representa Santo Onofre, no acto de receber o Viático da mão de um anjo. Está bem executado, e tem a maneira de Dominiquino Zampieri.

"O quinto representa Santo António e S. Paulo, o Eremita, que tudo é muito bem transcrito do estilo de Caravaggio.

"Sendo introduzido em casa do senhor Sequeira, achei ser um homem de muitos conhecimentos, e agradável, e muito o qualifica ter sido director da Academia de S. Lucas em Roma, e lente em diversas escolas de celebridade na Itália.

"Este pintor não merece menos admiração como retratista».

Enfim, valha-nos isto... Que os estranhos se lembrem do grande artista, visto os portugueses serem dotados de tão deficiente memória...

Vem a propósito citar um pormenor curioso:

Quando na exposição no Louvre, em 25 de Agosto de 1824, o grande pintor designado por *le chevalier De Sequeira*, com residência à rua do Faubourg-Saint-Honoré, 94, apresentou o seu quadro *A morte de Camões*, o catálogo dava explicação àcêrca desta preciosa tela nas seguintes linhas:

"Este grande homem (Camões) definhado pela doença e pela mais espantosa miséria, encontrava-se agonisante no hospital, quando um dos seus amigos lhe veio anunciar a perda da batalha de Alcacer-Quibir, a morte do rei D. Sebastião e a da fina flôr do exército nesta funesta jornada, cujas conseqüências deveriam ser o fim da monarquia portuguesa e da pátria.

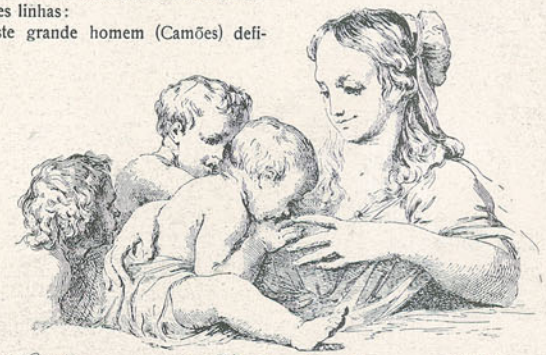
"— Ao menos — bradou Camões, erguendo-se no seu leito de morte — ao menos juntos morremos!»

Foi contemplando êste quadro que Almeida Garrett se inspirou para escrever o seu poema *Camões*.

Nesse tempo ainda os grandes génios se aproximavam, procurando entre si motivos novos para os seus grandes vôos. Só por ter inspirado ao excelso Garrett o seu famoso poema, Sequeira merecia a nossa eterna gratidão.

Mas o glorioso pintor fez mais, muito mais. Pena é que o tivessem posto de parte em tão curto praso...

Enfim, como grande e genial artista que foi, Domingos António de Sequeira fez o bastante para ser completamente esquecido!...



Francisco Quintella amico optimo D. de Sequeira Pictor Lusitanus vertit ab olim Genuae convalescens aegrotitus solamen inveratum extempore et sculp. grati animi monumentum Dicabat anno MDCCXCV

Tipo da Batalha

Em baixo, à esquerda: *Uma rua de Obidos.* — À direita: *San Payo*

MISTÉRIOS DO CLARO-ESCURO

A EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS DE SAN PAYO

NA SOCIEDADE NACIONAL DE BELAS ARTES

NUMA terra como a nossa em que o chic se manifesta em ter uma máquina fotográfica de boa marca, poderia parecer muito difícil fazer carreira como profissional da fotografia.

Pois não é assim.

O facto de haver muitos carpinteiros capazes de armar uma capoeira, com mais ou menos gôsto, em qualquer recanto de quintal, nada tira nem põe no arrojaao arquitecto que, sôb a sua indicação, faz erguer um arranha-ceus portentoso. San-Payo, aparecendo em Lisboa com a sua objectiva mágica, destacou-se logo entre os numerosos fotógrafos que enxameavam a Capital. Porquê? Aí é que residia o mistério. Se êste grande artista tivesse vindo ao Mundo em plena Idade-Média, iria parar com os ossos à fogueira, visto que uma tal perfeição só poderia ser conseguida mediante um pacto com o Diabo. E a prova estaria em que o fotógrafo, no momento de focar um dos seus magníficos trabalhos cobria a cabeça com um pano preto, talvez para que ninguém o visse segredar com o Príncipe das Trevas.

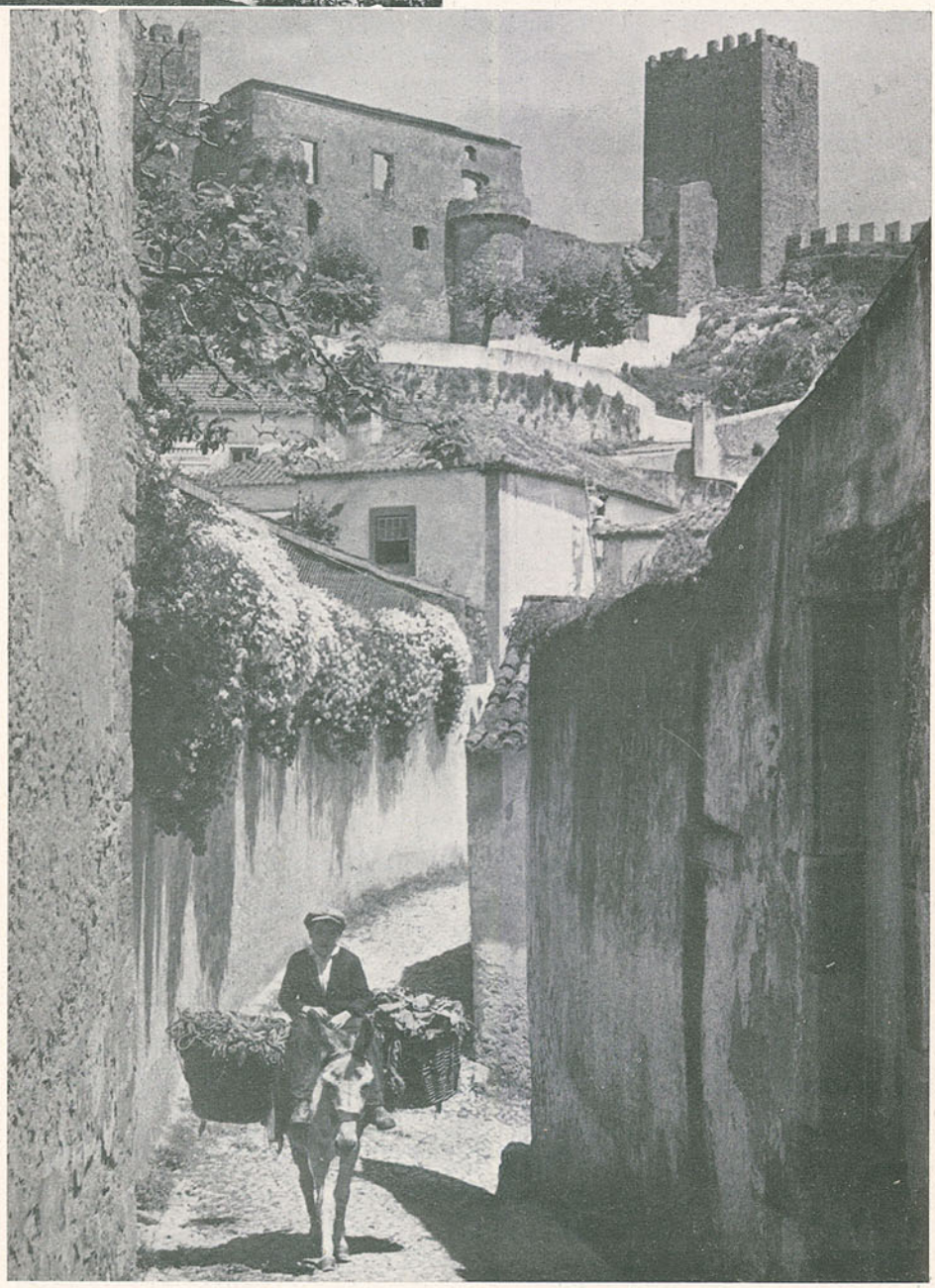
Felizmente San-Payo vive o nosso tempo para nos dar o inefável prazer de contemplar os seus trabalhos artísticos.

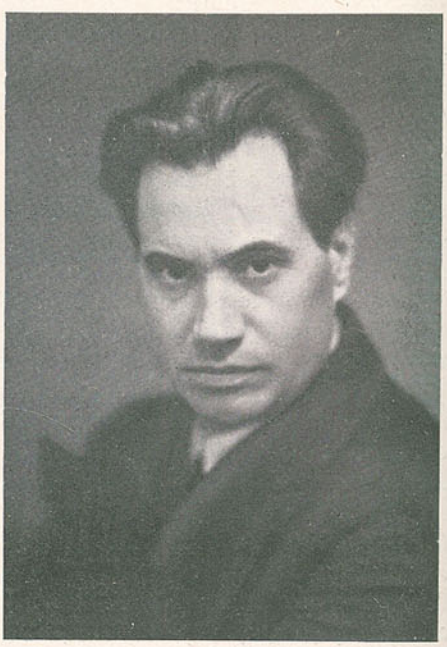
Agora inaugurou êle na Sociedade Nacional de Belas Artes uma grandiosa exposição de fotografias, em que há retratos, paisagens, costumes, tôda a variedade de assuntos que impressionaram a sua delicadíssima sensibilidade de artista.

Possuir hoje uma fotografia assinada por San-Payo, é ter uma verdadeira obra de arte.

Nas suas peregrinações artísticas através do país, não cessa de procurar motivos de beleza. E, não se contentando com o deleite próprio em extasiar os seus olhos sempre ávidos de maravilhas, leva a sua dedicação ao ponto de trazer-nos dentro da sua máquina que parece ter feitiço, tôdas as coisas belas que encontrou, para que nos extasiemos também!

E' isso o que está fazendo nesta sua nova exposição.





A PASSAGEM DO MAR VERMELHO

A CAMINHO DA TERRA DA PROMISSÃO

Sempre Ashavero a percorrer a esfera,
Desgraça austera, inabalável fé!
TOMÁS RIBEIRO

Os judeus ainda hoje comemoram a sua fuga da escravidão faraónica, a 15 do mês de Nisan do calendário hebraico, que coincidiu êste ano com o dia 27 de Março. Ao saír do Egipto, êsse povo não ia tomar posse do seu torrão, depois de tantos séculos de escravidão com o único fim de encontrar pastagens para os seus rebanhos. As suas aspirações eram muito mais elevadas. Ia reclamar, como seu património, a terra que servia de sepultura aos seus antepassados. O patriarca Abrahão havia comprado ali, na cidade de Hebron, com direito perpétuo, uma espaçosa gruta com seus campos adjacentes para sepultura condigna de Sara, sua espôsa. Também êle, por sua morte, assim como seu filho Isaac, fôra ali sepultado. O terceiro patriarca comprara, com o mesmo fim, uma porção de terreno na cidade de Sichem que depois conquistara com espada e arco, como desafronta da deshonra que a filha sofrera de um dos seus habitantes. De então em diante, o patriarca considerara-se senhor de todo o país, e, por sua morte, recomendou aos filhos que o sepultassem junto aos antepassados.

Canaan não possuia só as sepulturas dos três patriarcas, mas também guardava os altares que êstes tinham levantado em honra da Divindade. Portanto, estavam os israelitas firmemente convencidos de que tinham o direito irrefutável à posse da terra.

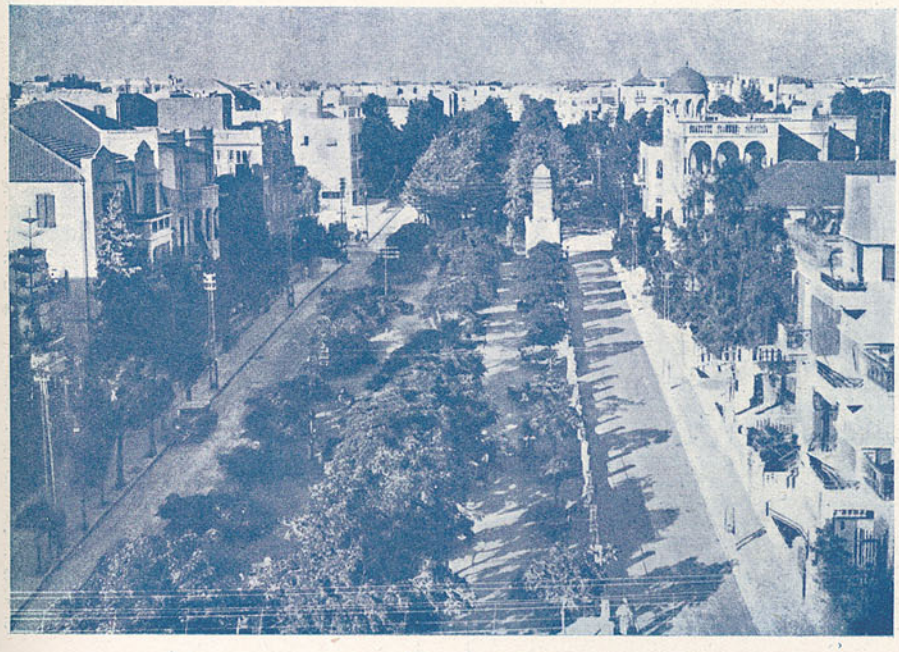
Os patriarcas haviam transmitido aos descendentes a promessa que a Divindade lhes fizera de que essa terra lhes pertenceria, não só como demonstração do favor em que os tinha, mas também para que êles viessem ali desenvolver um alto grau cultural. Esta cultura havia de consistir, sobretudo, no desenvolvimento da doutrina de Abrahão proclamara, afirmando a existência de Um Só Deus Único. Essa doutrina havia de conduzir à prática da justiça para com todos os homens, ao contrário da prática da injustiça que prevalecia por tôda a parte. Era com êsse fim que a terra de Canaan seria confiada à guarda dos judeus, e era em virtude de tôdas estas promessas que, os judeus, ao encontrarem-se em terra estranha, ansiavam pelo seu regresso à Terra da Promissão.

.....

Vários anos, em que as colheitas tinham sido escassas, obrigaram os israelitas a emigrar para o Egipto, onde o trigo abundava, e fixaram-se na terra de Goschen, que fica ao norte do Egipto e confina com a Palestina. Por êsse tempo já os egípcios haviam desenvolvido uma alva civilização. Os seus reis ou faraós tinham fundado cidades populosas, construindo edifícios colossais, templos, pirâmides e mausoleus, mas haviam adotado uma idolatria abjecta, colocando os seus deuses em uma ordem natural inferior à dos entes humanos. Os seus deuses tomavam a forma de animais e eram-lhes atribuidos poderes divinos. Prestavam culto a animais como bodes, cabras, cães, gatos, aves de rapina, serpentes, ratos, etc. Causar a morte de um gato era crime susceptível de maior castigo do que o assassínio de um ente humano.

Esta idolatria levava os homens a considerarem-se inferiores aos animais, e era como tais que êles eram tratados pelos reis e pelas castas superiores. Os faraós descendiam de deuses e eram adorados como deuses, durante a vida inteira: o resto da população era composta de escravos. Esta idolatria repulsiva manifestava o maior desprêzo pela castidade. Uma tal depravação de costumes ameaçava contaminar o povo israelita. A antiga doutrina pura de Um Só Deus Único ia-se obliterando pouco a pouco. A opressão, e o estado de escravidão, a que estavam reduzidos e os obrigava a duros trabalhos, nas obras gigantescas dos faraós, levava-os a esquecer a já enfraquecida lei hereditária e teriam sucumbindo àquela abjecta e sensual idolatria se não surgisse de entre êles, um homem genial que os soube despertar da sua letargia. Moisés fôra criado na obediência à antiga doutrina dos patriarcas e sentia dentro em si a revolta contra a escravidão a que os seus irmãos eram obrigados. Um dia, vira um arvorado espancar brutalmente um israelita, assassinou o arvorado e fugiu para o deserto.

E no deserto recebeu a incumbência divina de resgatar o seu povo. Deus falara-lhe, e tôda a sua alma havia vibrado. Um novo ser entrára na sua alma; sentia-se impelido para arrancar os seus irmãos da escravidão e conduzi-los a uma vida moral superior. Era empreza difícil porque a massa do povo acostumada à escravidão, ouvia as palavras de Moisés com indiferença. A miséria que haviam sofrido convertera-os em entes desconfiados e cobardes. O faraó opunha-se ao exodo porque não queria perder os seus escravos, mas, por fim, teve de autorizar a saída. Os israelitas mal tiveram tempo de preparar as provisões para o caminho. Não tendo havido tempo para que o pão levedasse — ficou ásimo.



Um aspecto da cidade de Tel Aviv

Adolfo Benarús.

Almada à vista

PÁGINA ANTIGA

Um passeio ao Alfeite

Ao meio dia, com minha mulher e um dos meus filhos, saio de casa, decidido a vêr campo, árvores e claras águas.

Lisboa pesa-me sôbre o coração; sinto-me esmagado de tristeza, e procuro fugir ao contacto da realidade citadina.

Em vão invoco a grandeza heróica da sua população revolucionária; inutilmente me ofereço visitas aos seus museus e aos seus jardins.

E' outro ar que desejo. Lá longe, o próprio sol tem para mim mais calor, a luz é mais caricíosa... E, se as aves cantam de entre a ramaria densa, é no alvoroço de que eu as oiça!

Não deve haver — decerto não há — quem mais do que eu apaixonadamente ame a liberdade, E sair de Lisboa é, hoje, para mim uma libertação...

Sôbre a tolda dum pequeno vapor, que deslisa na travesssia do Tejo, vamos seguindo, com o olhar distraído, a esteira da espuma branca, erguida entre bandos de gaivotas. Acompanhando o vôo, o nosso olhar encontra a vastidão do rio, no fantástico reverbero de oiro e púrpura acendido pelo sol. Os navios embalam-se na amplidão das águas, por uma extensão de léguas, enquanto a ligeira brisa enfuna a vela dos barcos, que, ao largo, semelham aves aquáticas, de palpitantes asas desprendidas.

Cacilhas! Ao gritar alto o conhecido nome do povoado, o homem de bordo não pode supôr que vou tocar a terra com a ânsia de Colombo, aportando à América. O meu filho, que tem quatro anos, pregunta-me se vamos longe, e só então reparo que não fixei o itinerário.

Enquanto a mãi compra, para o animar à caminhada, alguma fruta, decido-me pelo Alfeite.

"E' meia legua„, declaro-lhe. O pequeno não faz idéia da aventura em que se mete, mas sorri, e afirma com todo o ar solene, possível na sua idade: "Não canso, papá. Eu sou forte, papá. Eu quero„.

Querer é uma cousa muito grave; êle o sabe, êle o tem já experimentado. Querer é comprometer-se a poder. E fica assente que faremos a pé a légua, de ida e volta.

Já Almada nos fica, com o seu castelo, à direita. Vamos descendo para o Caramujo.

As oliveiras estão carregadas, notamos, e aquele fruto já maduro faz-nos lembrar oliveiras distantes, e minha mulher recorda que as duzentas oliveiras que seu pai plantou há cinco anos na terra onde nascemos, na Beira Alta, já em dezembro terão dado seis ou sete alqueires de azeite.

E falamos deste poucochinho com ufania de lavradores.

— Mas que lindo deve estar aquele olival do Monte Grande! — digo.

E cito-lhe o dono, que é um dos homens a quem no mundo eu tinha direito a querer mal! Meu filho, a ouvir-nos falar, fita-me interrogadoramente, e o olhar de minha minha mulher tem menos brilho. A sombra do ódio que

O autor do artigo com o seu filho José, no Alfeite

passa! E é necessário que eu evoque tôda a doçura bíblica da paisagem, todo o encanto daquelas montanhas agrestes, daquelas várzeas férteis, a abundância dos prados e os rebanhos e a nossa casa, tão graciosa entre a verdura, lar amorosissimo onde três famílias, pelas festas do ano, vão encontrar-se num só coração, para que essa nuvem sombria se dissipe.

O que temos sofrido!

Ranchos sobrevém, e as moças levam ao peito ramos de flores, como sôbre um altar votivo. O riso canta, e não há versos que à viola sôem mais claros do que êle, e digam mais da paixão, da ânsia da vida.

O riso canta, e nas faces, tão de saúde, de rapazes e raparigas, a alegria exulta.

Aqui uma dança começa; enlaçam-se os primeiros pares, e a música vai gemendo o que o amor em todos os peitos soluça.

Alfeite

Levanta-se o pó na estrada... E' uma "cavalgada...„ de burros de Cacilhas. Os "cavaleiros„ andam quási todos pelos doze anos, e agüentam-se valorosamente na asinina desfilada; um, porém, vai oscilante, não podendo garantir-lhe os seus oito anos que não saía pela cabeça da montada.

Grito-lhes, detenho-os, e restabelece-se a ordem. O dos oito anos vai na frente, agora...

O meu pequerrucho não deixa mais que se converse de outra coisa, e tenho de obrigar a minha palavra sôbre a compra de um burrinho como aquele, para quando êle andar na escola...

E discutiamos ainda — do caso, a idade do burro, a sua mansidão, mesmo a sua côr, quando chegámos à Quinta.

O Alfeite é uma vasta herdade, mal tratada, de inferior rendimento, decerto; mas, com as suas arribas banhadas pelas águas, e as suas matas coroando as colinas, é geralmente julgada um dos mais apraziveis arredores de Lisboa, que é célebre por os ter excelentes.

Mas, para mim, o Alfeite não é só um sítio pitoresco; é um lugar de repouso espiritual, de inefável recolhimento, em que todas as sensações dolorosas se apagam na contemplação da natureza, no silêncio do bosque e no dôce marulho das vagas.

Sentamo-nos; e a vista logo abrange o panorama da cidade. Brilham a cúpula da Estrela e as flechas da Sé; e a cidade tumultuosa, áquela hora, assim de longe, parece-me adormecida na outra margem, como se a corrente serena, que nas minhas veias agora estúa, fôsse a mesma que bate no seu coração sempre febril...

Através da ramaria dos pinheiros mansos copados, voltando-nos para os montes de Almada, Lisboa evoca um quadro de Nápoles.

Em baixo a praia estreita, muito areada, sem rochedos, é uma fita de alvura nupcial.

Perde-se a vista no Tejo, embevecido na serenidade das suas águas, na ridente grinalda das vilas e aldeias ribeirinhas, que o saüdam das encostas.

Alfeite

No ar puríssimo, essências fortes de floresta tonificam; ha mais doçura em nosso olhar, mais paz em nossa alma. E' um banho lustral. Quando nos erguemos, sentimo-nos mais sãos, mais vigorosos, melhores e enternecidos.

O pequeno mesmo, na esperança de colhêr medronhos, propõe *caminhar mais*, e perdôa a algumas borboletas que com o chapeu colhêra. Fizeram pazes; desprenderam elas as asitas, e voou êle aos medronheiros.

Estávamos na colheita, quando da mais alta arriba uma voz chamou. Era alguem que descia, a trazer-me um ramo grande, cheio de frutas róseas, para a "menina„. O meu José trepou comigo a meia encosta, protestando pela sua virilidade. Voltou contente. Mas eu é que tive de subir. Era um espanhol que, com dois patrícios seus, celebrava ali um pacto de amizade, de fraterna aliança, na luta amarga da existência. Pertenciam a essa generosa raça galega, tão boa, tão sofredora e tão resignada.

Falámos da sua vida; e cada um teve uma história breve e comovedora: a orfandade, o abandono, a miséria.

Calámo-nos; e todos nos fitávamos melancólicamente, quando um deles, de súbito, ergueu a voz, cantando. Foi o entusiasmo! E as insistências para que eu merendasse com êles, começaram...

"Então passe um copo de vinho?!„ Escusei-me, falei do almôço tarde, de doença, de dieta. Sorriam... Mas — "com permisso„ — e aquele que levára o ramo a meu filho segredou algumas palavras aos outros. Todos se levantaram, e, deixando um copo cheio sôbre a relva, bradaram-me em côro: — *Beberá usted saludando su Pátria!*

Peguei no copo, e, mal os meus lábios o haviam tocado, logo os três espanhóis, celebrando o seu triunfo, gritaram — *Viva la República!* tão clamorosamente que meu filho correspondeu lá do fundo do carreiro onde ficára, o tirso coroado de róseas frutas, como um ceptro glorioso de pacificação, bem alto erguido na sua mão infantil que, pela minha, entra na vida, já liberta.

Quando os deixei, eu era amigo daqueles homens, nascidos em terra estranha.

Como os sentia muito mais perto do coração do que alguns portugueses que hoje tanto fiz por não lembrar!

É meia noite; da Cidade nenhum rumor se levanta — sossegada e tranqüila — como se, de todo, houvesse aquietado a sua cólera a boa nova do triunfo das armas republicanas na fronteira. Acabaria a luta fratricida?

Meu filho dorme em minha frente, sereno, e minha mulher, serenamente, está junto de mim, velando.

Porque sinto, pois, que no meu rosto lágrimas vem tombando?

Lisboa, Outubro de 1911.

Lopes d'Oliveira.

Vista parcial de Almada

HUMORISMO

—NA minha casa — dizia um petiz de oito anos a um companheiro de colégio — é a minha mamã quem ajusta as contas à criada.

— Pois na minha — replicou o outro — é o papá. Depois a mamã é quem lhas ajusta a êle.

■

— O teu fato está coçadíssimo. Eu, no teu lugar, mandava-o voltar do avêsso.

— Isso era bom que êle tivesse dois avêssos.

■

A espôsa, lavada em lágrimas, porque o marido se recusa a comprar-lhe um novo vestido, declara solenemente:

— Não posso viver assim... não posso... em face da tua sovinice acabo por morrer dentro de dias.

— Acredito — replica êle — para me obrigares a gastar dinheiro, és capaz de tudo.

■

CUMPRIDA A PENA

O carcereiro: — *Vai ser posto em liberdade. Sua mulher está lá fora à espera.*

O prêso: — *Vou ser posto em liberdade?! Essa não é má... Bem se vê que é um rapaz solteiro.*

Um sabichão, como há muitos, dizia com grande ênfase a dois patetas que o escutavam com atenção:

— Há coisas neste mundo que a gente, por mais que queira, não é capaz de explicar... Por exemplo: como é que os padeiros conseguem meter o miôlo dentro da côdea do pão sem lhe fazer o mais pequeno orifício.

■

Uma noiva muito gorda, ao saír da igreja, onde acaba de receber a benção nupcial, vem coberta de suor.

Um espirituoso, com tendência para o trocadilho, segredou a um amigo:

— Agora é que podes vêr bem *a-bem-suada.*

■

Um petiz de cinco anos, vendo passar um pretinho de igual idade, pregunta-lhe:

— Olha lá: como é que a tua mamã sabe que não lavaste a cara?

■

— Não deve ir hoje à caça, meu amigo. Lembre-se de que é sexta-feira, dia 13. Num dia tão azarento, verá que não mata uma perdiz...

— Também me lembrei disso e foi êsse o mais forte motivo de vir hoje caçar.

— Não entendo...

— E' que se o dia é azarento não pode deixar de o ser também para as perdizes!

■

— Êle gaba-se de que nasceu para mandar.

— Pois case-se, e depois verá...

■

No restaurante:

— Rapaz, traze-me meia dose de êrros de ortografia.

— Não temos êsse prato.

— Então, porque é que o põem na lista?

■

Um barbeiro no momento de afiar uma velha navalha com a qual tem torturado o freguês, dá uma pancada em falso, quebrando-se o aço em três pedaços.

— Pobre companheira! — lastimou êle — cumpriu bem o seu dever.

— Já não era sem tempo — declarou o freguês — essa navalha faz-me lembrar uma velha rabugenta que conheci na minha terra, e que, depois de ter arranhado meio mundo, acabou assim também.

— Como?

— Com os dentes todos.

■

Uma artista mais formosa do que talentosa enviou uma carta a certo nababo seu conhecido, lembrando-lhe que precisava de pagar umas contas urgentes. A resposta não se fez esperar:

"Inclusos envio quinhentos escudos e mil cumprimentos afectuosos".

A artista agradeceu nos termos seguintes:

"Agradeço penhorada, embora preferisse mil escudos e quinhentos cumprimentos afectuosos.

NO CONSULTORIO

— Não sei o que tenho, senhor doutor. E' uma coisa exquisita que me fervilha pelo corpo todo.
— Bem. Aconselho-lhe então um insecticida.

■

Num *stand* de automóveis:

O cliente: — Quando comprei o carro disseram-me que substituiam tudo o que se partisse.

O empregado: — Sim, senhor.

O cliente: — Então faça favor de dar-me um braço esquerdo para a minha cunhada e um nariz para o meu sogro.

■

— Ali vai um homem que tem dedicado o melhor da sua vida a levantar o povo.

— Grande revolucionário deve ser. Como se chama?

— Não é revolucionário, e chama-se Coelho. E' simplesmente um antigo fabricante de despertadores.

NO MANICOMIO

O director: — *Então conseguiu apanhar todos os doidos que tinham fugido? Veja lá. Eram cinco...*

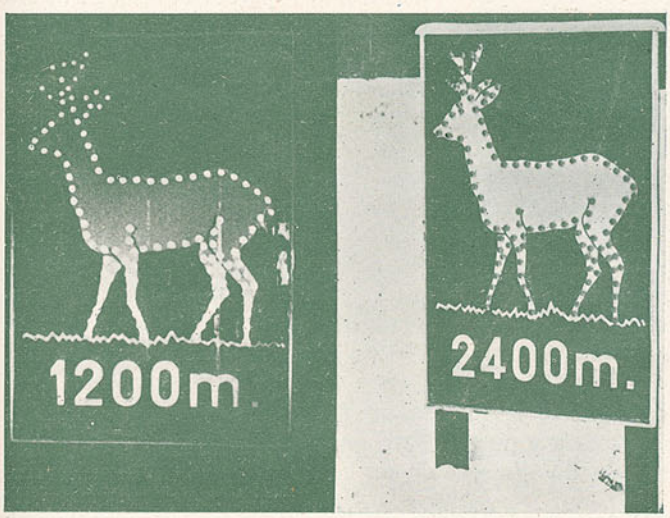
O guarda: — *Oh! diabo! Só no Rossio conseguimos deitar a mão a dezoito!*

ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

Pudim gigantesco exposto no certame de produção berlinense e cuja primeira talhada foi cortada pelo burgomestre da cidade dr. Lippert. Este pudim pesava três quintais

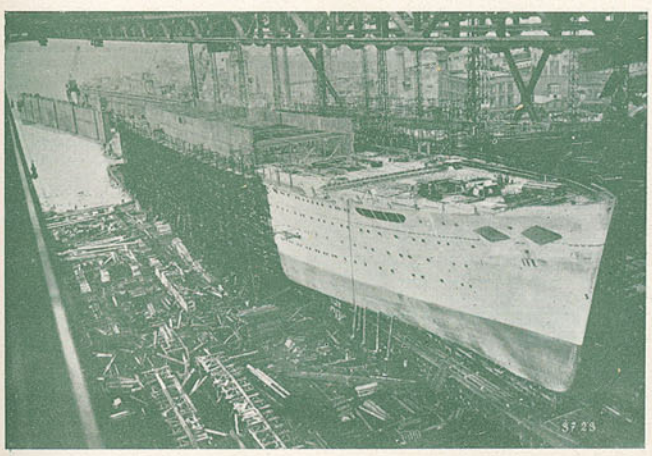
Nas excursões de crianças realizadas na Alemanha dão-se casos encantadores. A nossa gravura mostra um grupo de petizes assistindo à descida do presunto para o seu jantar

Um fabricante de brinquedos em Sonnesburg, na Turingia, dando os últimos toques numa encomenda de lebres que irão fazer as delícias das crianças por ocasião da Páscoa



A gravura acima mostra os sinais de protecção para a caça nas auto-estradas do Reich, tanto de noite como de dia, indicando aos automobilistas onde devem tomar precaução especial por causa da mudança da caça. Em face de tão explícitos avisos não pode haver engano

O ministro do Interior do Reich, dr. Frick visitando a exposição de obras de arte, organizada pelos artistas antigos combatentes e que está despertando o mais vivo entusiasmo, não só pelo que vale, como pela consideração que os artistas merecem ao povo alemão



No dia 5 de Maio será posto a navegar em Hamburgo o primeiro barco da K. d. F. (Fôrça por Alegria) destinado exclusivamente aos seus membros para as suas viagens de férias. Este barco foi construido pela Frente Operária Alemã, no mais curto praso

Devido à neve, o pontão principal de Blankenese encontra-se intransitável, não podendo os barcos atracar ficando assim suspensa tôda e qualquer comunicação. O declive da passagem que normalmente é quási horisontal, mostra a pouca altura de água

BELAS ARTES

A 10.ª Exposição do Grupo Silva Porto

foi um verdadeiro acontecimento artístico dos últimos tempos

O primeiro filho — quadro de Carlos Reis

A última exposição do Grupo Silva Porto, inaugurada há dias na Sociedade Nacional de Belas Artes, teve o condão de intensificar o nosso orgulho de português, e dar-nos a certeza de que para se admirar telas preciosas não é necessário transpôr as fronteiras à procura das últimas criações artísticas expostas no *Salon*.

Os três pintores que actualmente constituem êsse Grupo de tão gloriosas tradições, abriram a sua exposição como se fôsse um templo em que os olhos — espelhos da alma — pudessem elevar a mais fervorosa prece de acção de graças.

A' entrada, numa sentida homenagem ao patrono do Grupo, uma tela de Silva Porto indicava eloqüentemente que a memória do artista excelso continuava sempre viva, firme, intangível, e cada vez mais glorificada. Aos lados, dois quadros do malogrado Alves Cardoso documentavam a lembrança perene dos seus queridos companheiros.

Transpôsto o umbral, atraíu-nos uma tela grandiosa que só um génio como Carlos Reis seria capaz de pintar. "O primeiro filho„ se intitula, e reflete a alma pura dum casal humilde que, em tôda a sua pobreza, sente a suprema felicidade ignorada pelos mais profundos sociólogos. Rasteirinho é o berço do pobre herdeiro de tanta miséria — mas que importa isso, se Jesus nasceu também numas míseras palhinhas?

Quanta unção, quanta candura, quanta bondade no rosto dessa jovem aldeã que se enleva no filhinho adormecido! Esse casal tão pobre de meios como rico de esperanças, estranho e torvas ambições, alheio a mesquinhos interesses, vem dar-nos um suave vislumbre do que poderia ter sido a ventura inefável dos nossos primeiros pais no Paraiso Terreal.

Grande Carlos Reis! Quem melhor poderia traduzir na tela esta cena adorável em tôda a sua infinita grandeza e que, por um verdadeiro prodígio do génio, coube no recanto exíguo duma pobre cabana bafejada pelo amor?

Há tantos anos que admirámos Carlos Reis — e cada vez o admirámos mais!

Se o mestre fôsse supersticioso, e tomasse como mau augúrio o naufrágio que lhe roubou, há quarenta anos, a sua *Manhã de Clamart*, deveria atender a que, por outro lado, lhe levou também o *Pôr do Sol* — e assim ficou o Artista insigne em permanente dia do seu exuberante talento.

Além do quadro de honra, Mestre Carlos Reis expõe mais seis telas em que aparecem, opulentos de luz e de côr, alguns dos mais pitorescos assuntos da sua querida Lousã — *A cancela verde*, *No mirante*, *Meio dia*, *Velho sobreiro*, *Queda das folhas*, e finalmente *Rosas*, rosas lindas, viçosas, perfumadas de arte, mas cheias dos espinhos que os verdadeiros artistas — e só êsses — estão sentindo nos tempos actuais.

Ladeando à esquerda, aparece-nos Falcão Trigoso com algumas paisagens em que é magnífico, sem abdicar da sua personalidade original. Os seus quadros *Giestas*, *Aqueduto* e *Sol e sombra* são, a nosso vêr, os mais belos que nos apresentou nesta exposição. Não queremos dizer que os nove restantes não sejam dignos de menção e do ilustre artista que os assina. Não. Citámos aquêles que mais tocaram a nossa sensibilidade, e nos deram uma ideia segura da originalidade curiosa e atraente do seu autor que tão magistralmente sabe interpretar a luz e a côr em todas as suas tonalidades expressivas.

João Reis, Carlos Reis e Falcão Trigoso que constituem o Grupo Silva Porto

Falcão Trigoso é um mestre da mancha, é um nome que valoriza uma tela, podendo até dizer-se que se torna indispensável numa galeria de Arte. Que teve muitos visitantes a admirá-lo, vimos nós... resta saber se o número de compradores foi, pelo menos, satisfatório.

Disso é que temos uma grande, uma amarguradíssima dúvida!

E João Reis — o nosso querido João Reis — o principesinho que já conquistou um trono?

Moço ainda, tem tanto de talentoso como de infatigável. Desta vez, apresentou-nos vinte e cinco telas — e todas dignas dos mais francos aplausos.

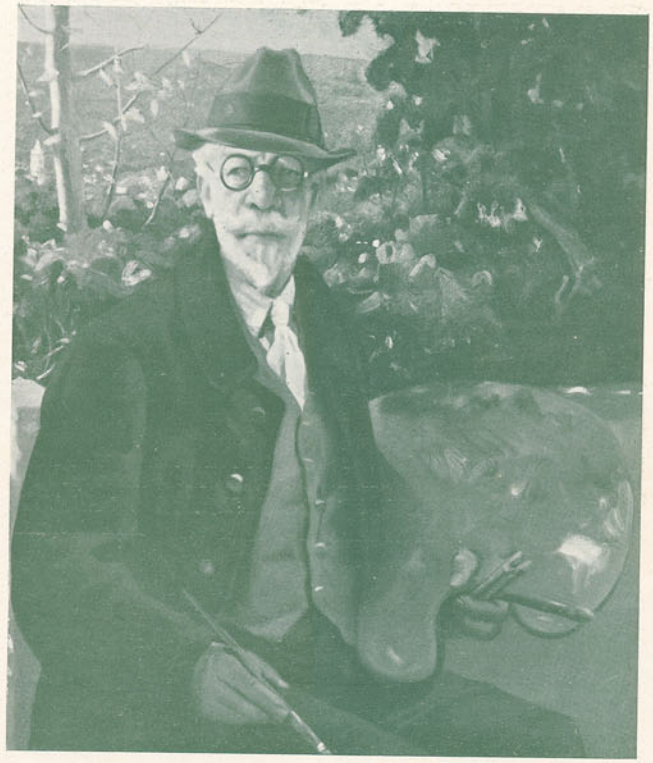
Quando, ha dias, em honroso elogio, lhe salientaram que trabalhava muito, o Artista respondeu com um espirituoso paradoxo em que se diluía uma súbtil amargura:

— Trabalho muito, é verdade, porque não tenho trabalho!

Com efeito, um artista da envergadura de João Reis, que tantos e proveitosos ensinamentos teria para dar aos catecúmenos da arte, poderia trabalhar muito mais, e produzir muito menos. Assim, recolhendo-se à sua Lousã, em férias permanentes, trabalha sem descanso, pintando para si... e por amor à arte...

Eis-nos em frente dos seus quadros expostos: o retrato de Carlos Reis, seu pai e seu mestre, dá bem uma ideia da ascensão progressiva da sua técnica. João Reis pinta hoje melhor do que nunca, honrando o grande Artista que lhe deu o ser e as melhores lições. O *Retrato de meu Pai* é, pois, uma obra cheia de vigor e flagrante semelhança, em que a figura majestosa do mago das *Cantigas de amor*, realça num formoso fundo de paisagem.

Houve quem afirmasse que Fra Angélico pintava as suas Madonas, ajoelhado, como se estivesse em fervorosa prece, e que assim se explicava a doçura divina que resplandece em tôdas as suas telas. Acrescentava-se ainda que várias vezes o foram encontrar prostrado ante o seu quadro, em profunda oração.



Retrato de Carlos Reis — por João Reis

Ao contemplarmos o retrato de Carlos Reis pintado por seu filho, veio-nos irresistivelmente à ideia o inspirado monge-artista de Fiesole. É que João Reis, ao retratar seu pai, devia ter também o espírito em adoração, tão viva, tão imponente e tão impressionante é a figura, rodeada do mais desvelado culto.

No quadro *Fogueiras* aparece-nos o digno discípulo de Carlos Reis que, dentro em pouco, a prosseguir no seu aperfeiçoamento progressivo, poderá continuar, com honra e brio, a gloriosa dinastia a que pertence.

Formoso quadro êsse que tem por título *Vastidão*, e nos chega a fazer amar o traiçoeiro mar de Buarcos.

Outros quadros se seguem: *Meditação*, *Conversando*, *Manhã*, *Um lobo do mar*, *Hora do banho*, *Contra luz*, *A carreta do moliço*, *Barcos em descanso*, *Consertando a rêde*, em que se patenteia o seu seguro desenho, a sua construção perfeitissima, a sua harmonia de côres.

O *Canto florido*, que nos dá um dos mais belos aspectos do Casal da Lagartixa, pode ser considerado uma verdadeira maravilha de luz e tonalidade.

João Reis é hoje um pintor tão ilustre que, se Silva Porto voltasse à vida, dar-lhe-ia o mais efusivo dos abraços, satisfeito por vêr quem, tão moço e tão brioso, lhe sabe conservar a gloriosa memória.

É por isso que nós, ao alinharmos estas mal notadas regras com tôda a nossa sinceridade trasmontana, afirmamos que a Exposição do Grupo Silva Porto viera intensificar o nosso orgulho de português que preza, acima de tudo, o bom nome de Portugal — pátria de artistas gloriosos tão apreciados no estrangeiro.

Gomes Monteiro.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

Um aspecto do almôço de confraternização franco-portuguesa, oferecido no Porto pelo prof. Raymond Warnier, director do Instituto Francês em Portugal. Ali se reuniram as mais altas individualidades dos meios artístico, literário e social da capital do Norte. — *A' direita:* O julgamento efectuado ao ar livre na Avenida Vinte e Quatro de Julho, debaixo duma chuva torrencial para apuramento da responsabilidade de um choque de automóveis

A posse dos conselhos paroquiais, celebrada no Govêrno Civil. Segundo a designação do Chefe do Distrito foram escolhidas 200 pessoas para fazerem parte dos conselhos paroquiais criados pela reforma do Código Administrativo. — *A' direita:* Grupo de senhoras da nossa primeira sociedade que tão devotadamente se empenharam no peditório a favor dos pobres, na intenção de lhes amenizar a amargurada sorte na quadra invernosa que atravessamos

As últimas chuvas foram tão abundantes que provocaram várias inundações em Lisboa, principalmente em casebres habitados por gente pobre. A nossa gravura da esquerda dá um aspecto da azinhaga das Murtas invadida pelas águas. — *A' direita:* O pátio do Azeiteiro, vendo-se ao fundo uma pobre casa donde, a muito custo, foram salvas as crianças que se veem na gravura

A VISÃO DA CRUZ

A Igreja comemorou mais uma vez a paixão e morte de Jesus que veio ao Mundo para redimir a humanidade. Os homens, no entanto, persistiram na sua maldade, e a tal ponto, que Antero de Quental a definiu neste desalentado lamento:

Há mil anos, bom Cristo, ergueste os magros braços
E clamáste da Cruz: há Deus! e olhaste, ó crente,
O horisonte futuro e viste em tua mente,
Um alvor ideal banhar êsses espaços.

Porque morreu sem éco o éco de teus passos,
E de tua palavra, ó Verbo, o som fremente?
Morreste... ah! dorme em paz! não volvas, que, descrente,
Arrojaras de novo à campa os membros lassos...

Agora, como então, na mesma terra erma,
A mesma humanidade é sempre a mesma enferma,
Sob o mesmo êrmo céu, frio como um sudário...

E agora, como então, verás o mundo exangue,
E ouvirás preguntar: — de que serviu o sangue
Com que regáste, ó Cristo, as urzes do Calvário?

Grande seria o desalento do grande poeta para descrêr assim da salvação da humanidade.

João Saraiva, o nosso tão apreciado lírico teve também êste queixume:

Pobre menino Jesus!
Homens e bois te adoraram
E mais tarde, numa cruz,
Homens te martirizaram!

Vinte séculos depois,
Os homens não melhoraram
E ainda são mansos os bois!

Haja, no entanto, um pouco de fé, que a malvadez humana há de dulcificar-se. O próprio Antero, lendo, passados doze anos, o seu soneto, teve novamente a visão da Cruz e reconheceu a sua virtude redentora. E terminou a sua jornada nesta vida, murmurando:

Na mão de Deus, na sua mão direita,
Descansou afinal meu coração...

Greta Garbo

BIZARRIAS AMERICANAS

Greta Garbo nunca existiu!

Segundo a solene declaração do despeitado galã Robert Taylor

DEPOIS de terem sido negadas tantas coisas palpáveis e evidentes, apareceu há dias nos jornais norte-americanos a sensacional notícia de que "Greta Garbo nunca existiu", não passando de um mito delicioso que a fábula do século XX urdira com mais ou menos engenho. A fulgurante estrêla cinematográfica era constituida por um grupo de artistas parecidas que, auxiliadas pelos variadíssimos *trucs* cinematográficos, eram simples átomos de um corpo fictício!

Estas coisas, francamente, só acontecem na América, onde tudo é possível.

Quem trouxe esta sensacional revelação a público foi o actor cinematográfico Robert Taylor que há muito aspirava ardentemente a contracenar com a famosa estrêla sueca.

Há tempos, o artista conseguiu vêr realizada a sua aspiração ao ser escolhido para interpretar o papel de Armando Duval na versão cinematográfica da *Dama das Camélias* em que Greta Garbo faria o papel de Margarida Gauthier.

Em boa verdade, filmar com Greta Garbo não é empreendimento fácil de realizar. Dos muitos milhares de actores que sonharam com esta honraria suprema, só alguns, muito poucos, conseguiram vêr realizado o seu sonho. E êsses, que tiveram a honra de figurar ao lado da célebre actriz em qualquer filme, pagaram sempre bem cara a sua audaciosa ambição. Quem ande mais ou menos em dia com as coisas do cinema, não pode ignorar que tanto John Gilbert como Frederich March, Herbert Marshall como John Barrymore sofreram as maiores angústias. O próprio Robert Taylor — o último da série — está passando pelos mais duros dissabores e pelas mais crueis afrontas ao seu amor próprio.

Daí talvez o seu despeito mal reprimido que o levou a dizer a um jornalista que, para êle, "a famosa Greta Garbo nunca existiu."

E acrescentou:

"— Não sei se é feia ou bonita, gorda ou magra, atraente ou antipática, não obstante ser ela a protagonista do filme em que vou entrar. Para mim, Greta Garbo não existe porque nunca a vi, nem espero vêr nunca mais em pessoa!"

O que faria falar assim o conhecido galã?

Afirmar que a genial artista não existe é tão disparatado como negar o próprio sol que tudo ilumina!

E, então, o que lhe deve a sua pátria — a encantadora Suécia?

Antes que fôsse conhecida a existência de Greta Garbo, quem falava da Suécia e das mulheres suecas? Muita gente sabe que a Suécia existe porque é a pátria de Greta Garbo. Se a grande artista encarna hoje o tipo de mulher, devemos ter em conta também que essa mulher-tipo encarna, antes de tudo, o tipo de mulher sueca. Esse corpo tão feminino, embora um pouco "desgarbado", cuja armação foi racionalmente trabalhada pela ginástica e pelo desporto, atrai e deslumbra. Esse rosto emoldurado por cabelos que vão do cobre escuro, passando pelo oiro, até à prata da lei, tem qualquer coisa de mágico, de sobrenatural. Esse rosto, um pouco côncavo (o rosto das mulheres do Sul é um pouco redondo, um pouco convexo e o das escandinavas é um pouco alongado e côncavo) êsse rosto, diziamos nós, um pouco anguloso, onde os olhos da côr dos lagos da sua pátria, profundos e cheios de mistério como êles, estabelecem um harmónico equilíbrio com a polpa vermelha dos lábios compridos, abertos, prometedores...

Segundo o pintor Jean Junyer, "tôdas as suecas têm alguma coisa de Greta Garbo", não sòmente quando a imitam no vestir ou na aparência exterior, mas no que apresentam de consubstancial com ela. O ar da raça que a genial artista tão esplendidamente encarna.

Greta Garbo para triunfar não precisou de negar a sua raça, diluír-se, fazer-se cosmopolita, mas impondo-se tal como é. Nisso consiste o seu grande mérito.

Tal é a sua grande influência que no mundo feminino se notam os gestos, a mímica de Greta Garbo. Pode mesmo dizer-se que o mundo feminino gira hoje sob o signo da grande artista.

E, como se não bastasse, a sua influência vai mais além: atinge também o sexo oposto.

Greta Garbo
(Caricatura por Arnold Beauvais)

E' evidente o facto de grande quantidade de estrangeiros casarem com suecas. Greta Garbo popularizou, universalizou o tipo da mulher sueca, e influiu poderosamente na inclinação de muitos homens.

Pois, apesar de tudo isto, declara-se solenemente aos quatro ventos que a grande Greta Garbo nunca existiu!

Querem saber agora o que originou êste disparate?

Como já dissemos, Robert Taylor havia sido escolhido para desempenhar o papel de Armando Duval na *Dama das Camélias*, satisfazendo assim a sua mais grata aspiração: ter como companheira a genial vedeta.

Taylor — o Bob — como lhe chamam em Hollywood, estava em maré de sorte.

Foi assistir às conferências que precederam a rodagem do filme, sem que Greta Garbo se dignasse aparecer.

E assim decorreram semanas.

Um dia, o artista, ignorando ainda os pormenores das cenas que devia desempenhar junto da famosa vedeta, subiu ao estrado, tanto mais que Greta Garbo teria de actuar, consoante o estabelecido na tabela.

Esperou em vão durante algumas horas. Greta Garbo não aparecia! Finalmente, chegou um empregado a anunciar-lhe que a filmagem teria de ser adiada, visto que a célebre artista, sendo supersticiosa em extremo, não queria trabalhar em certos dias.

Taylor saíu arreliadíssimo, como se calcula, e voltou quarenta e oito horas depois. Nova longa espera — e Greta Garbo sem aparecer!

Horas depois, um fotógrafo trouxe-lhe um recado do director informando-o de que a vedeta excelsa tinha de provar, nessa altura, uns vestidos, e que, portanto, não era possível contar com ela...

Bob, cada vez mais furioso, regressou a casa, dando ao diabo as *vamps* e os seus inconcebíveis caprichos.

No dia seguinte recebeu a comunicação de que dali a horas começaria a filmagem.

Enfim!... Bob correu ao estúdio cheio de entusiasmo para o seu trabalho, procedeu a uma cuidadosa *maquillage*, e preparou-se para afrontar as lâmpadas...

Nova longa espera — e Greta Garbo sem chegar!

Para dominar o seu desespêro, Taylor pôs-se a passear pelo salão com a ânsia de querer vencer muitos quilómetros em poucos minutos.

Greta Garbo, quando foi para o cinema

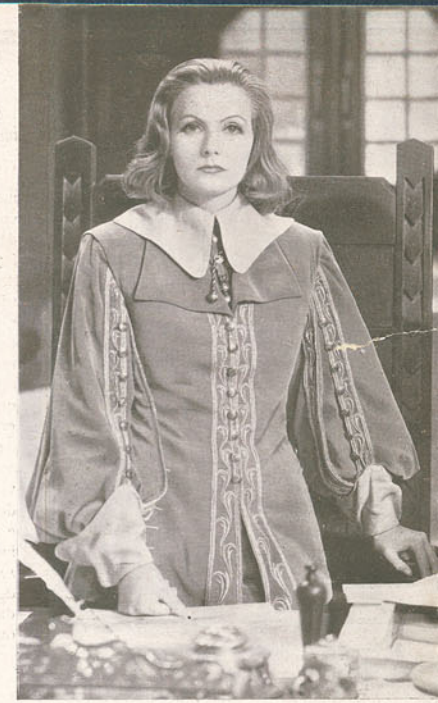
Nisto, chegou o director.

— Meu querido Bob — disse-lhe êle em tom paternal — tenha paciência uma vez mais. Greta Garbo deseja descansar alguns dias. Começaremos na próxima semana. Na quarta-feira, se isso não lhe causa qualquer transtôrno.

No dia marcado, ao chegar ao estúdio, Taylor interrogou os porteiros:

— Greta Garbo já veio?

— Ainda não — responderam-lhe — mas não deve tardar. Passaram horas. Bob, tristemente, escondia a cara entre as mãos.



Greta Garbo interpretando a rainha Cristina da Suécia

Foi nessa altura que lhe apareceu o jornalista a colher notícias novas sôbre o filme que Greta Garbo iria desempenhar.

— Greta Garbo?! Mas quem é Greta Garbo?! Quem é que a viu alguma vez em pessoa? — preguntou Taylor desabridamente ao reporter que o olhava assarapantado como se estivesse em frente de um louco furioso — Olhe: quere uma notícia sensacional? Aí vai: Greta Garbo, essa famosa Greta Garbo de que todo o mundo fala, não existe. Sou eu, Taylor, que terei de contracenar com ela, quem lho assegura!...

E a bizarra notícia correu de jornal em jornal, intrigando os inúmeros admiradores a famosa artista.

Quando pode o despeito auxiliado pela insaciável fôrça da publicidade!

Afinal, Greta Garbo — a misteriosa sueca, que tem dado volta a tantas cabeças escandecidas pela paixão — existe e promete existir durante muitos anos ainda, só para arreliar o seu colega Taylor. E, como se não bastasse existir, é caprichosa, altiva, impertinente até, se quiserem. Os seus sorrisos custam muitos milhões para os atirar a quem quer que, apaixonadamente, váde pôr aos seus pés de deusa uma braçada de rosas.

FELIZES tempos aqueles em que os mestres pedreiros eram sábios profundos que deixariam muitos e variados eruditos de hoje em precárias circunstâncias de inteligência e petulância.

Valerio Martins de Oliveira, mestre pedreiro em Lisboa, e várias vezes juiz do seu ofício na antiga Casa dos Vinte e Quatro, é o mais eloqüente exemplo.

No ano de 1739 publicou um livro curiosíssimo que intitulou: *Advertencias aos modernos que aprendem os officios de pedreiro e carpinteiro, oferecidas ao Senhor S. Joseph, patrono do mesmo officio, venerado na sua Parochial Igreja desta Cidade de Lisboa.* Abre o livro com a "dedicatória ao glorioso santo» nesta décima em latim:

Te, Joseph, volum laudare,
Nam laudem tacere nolo;
Sed præclaræ laudis volo
Te coronâ coronare;
Hunc Librum dedicare
Tibi cupio, quo tibi plaudo,
Nam exaudivi, & hoc claudo,
Esse te laudem Justorum;
Atqui tu es laus Sanctorum:
Ergo laude laudem laudo.

Esta oferta era confirmada com as seguintes endechas que são um mimo de devoção ingénua:

Senhor São Joseph,
Este livro he
Do principio ao fim
Todo vosso, assim
Como certifica
Quem vo-lo dedica:
Este he no emisferio
O que não contradiz
Cousa alguma, que queira
O vosso Valerio,
O vosso Martins,
O vosso Oliveira.

Seguia-se o prólogo ao leitor que é também um modêlo de ingenuidade:

"Vencendo-me a desconfiança que me deteve a dar á luz este pequeno volume, para mais clareza dos modernos do Officio de Pedreiro; não foy menos o embaraço, que me indeterminou o offerecello ao meu Patriarca S. Joseph, cuja bandeira nos guia; e porque toda a dilação não bastou a limallo, não podia accommodar-se a que tivesse mais, que obviar a censura, condemnando-me que chegasse a offerecer o que não era digno de publicar-se. Porém lesse de Socrates, que sendo muito velho começou a aprender a tocar em huma viola; e respondia aos que se rião delle, que mais valia tarde que nunca: e assim me animo a descrever este, intitulado: *Advertencias aos Modernos,* ainda da que sou indigno Irmão da vossa Irmandade, para a todos nos dares da vossa Graça nesta vida, e na outra Gloria, Patriarca Santo».

Entrando pròpriamente no assunto, mestre Valerio dá mais as seguintes explicações:

"Tiradas de algumas regras não menos uteis, que pertencentes ao nosso Officio de Pedreiro, tão breves e faceis, como nellas se verá, para prova do que se allegão Authores, e dos Elementos de Euclides, composto por aquelle grande Heróe o Reverendissimo Padre Mestre Manoel de Campos, flor da Companhia de Jesus, no seu 2. liv. Tratarey principalmente dos Triangulos, e Parallelos, Gramos, e as proporçoens mais vistosas, são as definiçoens, em que tratarey sòmente das questoens mais precisas ao nosso Officio de Pedreiro, como vem a ser, diz o Author Campos, o que quer dizer ponto, e os seus triangulos, com todas as suas perfeiçoens».

Em boa verdade, para um mestre pedreiro que não chegou a ter fama de arquitecto, como hoje teria sucedido inevitàvelmente, consoante grande soma de exemplos que temos à vista.

Dando largas à sua erudição, mestre pedreiro Valerio Martins de Oliveira salienta que "a proporção é de compasso e picardo», fazendo estas interessantes considerações:

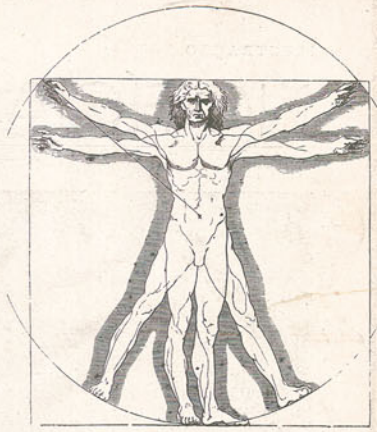
"E porque razão se movêrão os antigos a ordenar tôdas as suas obras sôbre o redondo, e sôbre o quadrado? E porque lhe chamárão Arte Romana? Entre outras

QUANDO OS NOSSOS MESTRES PEDREIROS ERAM ERUDITOS

E DEVOTOS SINCEROS DO PATRIARCA S. JOSÉ

muitas medidas, que os antigos alcançárão acêrca da proporção do corpo humano, dissérão que o embigo era natural centro de todo o corpo; e assim que o homem deitado no chão, estendido, e abertos os braços, e as pernas, hé o mesmo que hum compasso, posto com uma ponta no embigo, e a outra ponta nas mãos, chega tambem aos pés; não tirando a ponta do embigo, faz figura circular, que é a mais perfeita, e a mais agradavel aos olhos, que todas as outras figuras, ou sejam quadradas, ou triangures, ou de qualquer outra especie; não consentio a natureza, que o homem precisasse della, porque Deos o criou com todas as perfeiçoens naturaes. Acha-se tambem em hum homem hum quadrado de todos os lados iguais, e a cada lado grande, como a mesma estatura, os quaes toca a hum com a cabeça, a outro com os pés, e os outros dous com os dedos das mãos: e assim se entende, que tanto hé a braçada de um homem, quanto hé a sua estatura; e assim que destas figuras sobreditas, que é o redondo, e o quadrado, fizérão os Mestres antigos estudo, que tudo o que lavrassem e edificassem, se formasse sôbre o redondo, e sobre o quadrado; e tudo o que se fizesse fóra destas duas figuras, seja tido por falso, e não natural.

"E de que nação foram estes antigos, que com tanta diligencia solicitárão, e puzérão esta medida em Arte Romana? Erão da Grecia. Pois de boa razão havia de ser a Arte Grega; e assim se devia chamar, e não Romana, pois os Gregos foram os primeiras inventores della. E a causa porque se diz romana hé, que quando os romanos começaram a senhorear o Mundo, procurárão para ennobrecer a Roma de todo o melhor e mais natural que nelle se achasse: e como em Grecia, nas provincias da Macedonia estávão os edificios daquelles povos, e éram de muita antiguidade, e não menos que muito duraveis; por esta razão sabiamente ordenárão e procurárão de mandar muitos mestres para Roma, naturaes da terra, que edificassem ao uso da Grecia, e deixassem regras e medidas, por onde os vindouros se governassem, e em pouco tempo houve muitos famosos Mestres, e tão bons Architectos, que edificárão muitos e soberanos edificios, e muitas obras de admiravel architectura, aonde hoje em dia muitas dellas apparecem; aonde se não cessa de tirarem grandes debuxos, traços, modelos, e figuras, que se repartem por todo o Mundo: e como Roma seja concurso de todas as naçoens, e cabeça de toda a Christandade, assim tem melhor fama os seus edificios, que em nenhuma parte do Mundo: e assim que para edificar, procura para o teu edificio bom Mestre, que te informe primeiramente do gasto, que poderás fazer de tua fazenda, e se tens gosto, ou necessidade de tal obra; e antes de tudo prove de todos os petrechos, que pelo Mestre forem ditos; e he necessario trabalhar



Desenho de Leonardo de Vinci

por metter muitos, e bons officiaes, que em breve tempo acabem a obra, e a ponhão em a sua perfeição, porque será grande glória, e á tua familia de muito descanço; e com os muitos officiaes, e bom recato, e diligencia cresce muito, e prevalece o edificio. Lê-se de David, e Salamão, que como quizerão edificar o Templo de Jerusalem, aparelhárão primeiro muita copia de ouro, e prata, e outros metaes, madeiras, e pedrarias, e mais todos os aviamentos necessários de sobrecellentes, que não faltasse cousa alguma, que ao edificio pertencesse; e logo escrevêram a todos os Reys, e Monarcas, que lhes mandassem todos os Mestres, e officiaes, que em seus Reynos achassem; os quaes como viéram, começárão a sua obra, e acabárão em oito annos».

Mas os conhecimentos de mestre Valério iam muito mais longe, ao fazer a apologia da geometria que considerava absolutamente indispensavel. Não vislumbrava o futuro que nos estava reservado. Dizia êle:

"...He a Geometria instrumento, que muito ajuda a comprehender todos os saberes do Mundo: por tanto Platão mandou escrever sobre a porta da sua Escola, que nenhum fosse ousado a ouvir, sem que primeiro fosse sciente em as sciencias da Geometria, e Aritmetica, que he a arte de contar; porque tem tão grande parentesco huma com a outra, que nenhum póde ser bom Geometra, se não sabe contar, nem se pode chamar homem, segundo Platão, o qual sendo perguntado, porque o homem era animal tão sabio, respondeo: Porque sabia contar, e em estas duas sciencias se contém muitos segredos, e grandes subtilezas».

Felizes tempos esses em que os mestres pedreiros, além de saberem do seu oficio, eram tão profundamente eruditos!

NOTÍCIAS DA QUINZENA

Estragos causados pelo incêndio no edifício onde está instalado o Tribunal da Relação do Porto. A nossa gravura mostra a rapidez com que as chamas lavraram, destruindo o soalho e o travejamento. — A' DIREITA: A «tourelle» da Central Telefónica de Coimbra que foi pasto das chamas, ficando a cidade sem comunicações durante algumas horas. Motivou o desastre a queda de um cabo de alta tensão sôbre uns fios telefónicos

A formosa Algés vai progredindo, de dia para dia. A nossa gravura mostra o sr. Presidente da República cortando a fita para inauguração da estação telegráfica e repartição do Registo Civil — dois importantes melhoramentos

Distribuïção de vestuário e calçado a 150 filhos de soldados que se bateram na Guerra Mundial. Êste generoso acto, como tantos outros, foi efectuado pela tão patriótica quão benemérita Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Os oficiais do submarino holandês «O-16» ladeando o prof. Vening Meinesz, na tôrre do submersível no momento de desembarcar em Lisboa. O ilustre sábio dedica-se, por encargo do seu Govêrno, a estudos sôbre a gravidade através da água. — A' DIREITA: A assistência à cerimónia da condecoração dos dois cães que defenderam as instalações da Emissora, na Barcarena, contra os manejos dos bombistas

A ETERNA MIRAGEM

Oiro!... Oiro!... Desgraça! Perdição!...

Era um pobre e bom camponês, tão pobre e tão bom quanto era linda a sua aldeia natal, êsse recanto perdido entre serrânias sem fim, ignorado do mundo, pedacinho de terra fértil e generosa, que recebia em seu seio fecundo as abençoadas sementes, que dele faziam depois tapete verde, côr de esperança, e mais tarde, se tornariam em seara ondulante e grandiosa.

Era um cavador humilde e simples, que se erguia pela madrugada, e trabalhava, de sol a sol, ao lado dos seus iguais, desconhecendo ambições, ódios, invejas, feliz quando via felizes os seus irmãos, rindo se ria a boquinha rosada do filho, entristecendo se a dôr ensombrava a face da mulher adorada.

Era tão feliz, o bom do cavador!

Jámais erguera o olhar ao Céu para inquirir — blasfémia suprema! — o que era a vida, donde vinha, para onde ia, nem o que era o infinito...

Amava e estremecia a sua aldeia natal, rincão formoso, ignorado e ignorante do mundo.

Um dia, ao vêr surgir o sol, lá no cimo dessas serrânias altíssimas, como se fôssem as montanhas generosas que se abrissem para ofertar à vida o astro radioso, o cavador foi acometido de estranha alucinação...

O seu olhar desvairado procurava novos rumos, as suas mãos calosas não pegaram na enxada, não beijou o filho, não sorriu à mulher... E, indiferente a tudo o que fizera sua felicidade de outro tempo, só sabia dizer a palavra do mal, que o mal segredára aos seus ouvidos puros:

— Oiro!... Oiro!...

E quando a noite tombou, e as estrêlas vieram esmaltar a vastidão do espaço, o cavador, sentado ainda nessa mesma pedra, perdia-se em funda contemplação... e era como se à sua volta, a aragem parecesse segredar mansinho e leve:

— Oiro!... Oiro!...

No murmúrio dos regatos que serpeavam nos declives, no cantar brando dos rouxinóis, e no próprio eflúvio da leiva, tudo lhe parecia dizer:

— Oiro! Oiro!...

E o cavador nunca mais trabalhou...

Nunca mais ninguém o viu que não fôsse sentado na pedra fatal, olhos na serra distante, esquecido da vida presente...

Começaram a chorar de fome a mulher e o filho, começaram rumorejando as vozes da aldeia que êle tinha enlouquecido...

E assim parecia... Disso todos se convenceram quando, certa manhã, mal os homens haviam pegado na sua faina, êle se aproximou, esquálido, desfigurado, e do cimo dum outeiro, começou a falar assim:

— Irmãos e amigos! Vós trabalhais, gastais sem proveito as vossas fôrças, quando, tão fácil vos seria tudo isso, possuindo oiro!

— Oiro?! Mas o que é o oiro? — preguntaram, surprêsos e incrédulos, os pobres homens, pobres e bons como êle desgraçadamente já não era.

E, como se uma eloqüência infernal lhe ditasse as frases da perdição, o cavador disse:

— O oiro é mercê divina pela qual se alcançam todas as grandezas e poderios. E' benção de sonho que nos dá as honrarias e os gosos do mundo sem cuidados nem canseiras! Ao oiro todos se rendem! Do oiro todos são escravos! Quem o tiver, basta que apenas estenda a mão para vêr aos seus pés, curvados em adoração, os homens de todo o mundo! Para o oiro não há dificuldades nem impossíveis... Tudo é realidade, tudo é certeza! Oiro! Oiro!

E os écos longínquos respondiam, tristemente:

— Oiro!... Oiro!

Então, todos os homens, à uma, gritaram:

— E como o teremos?

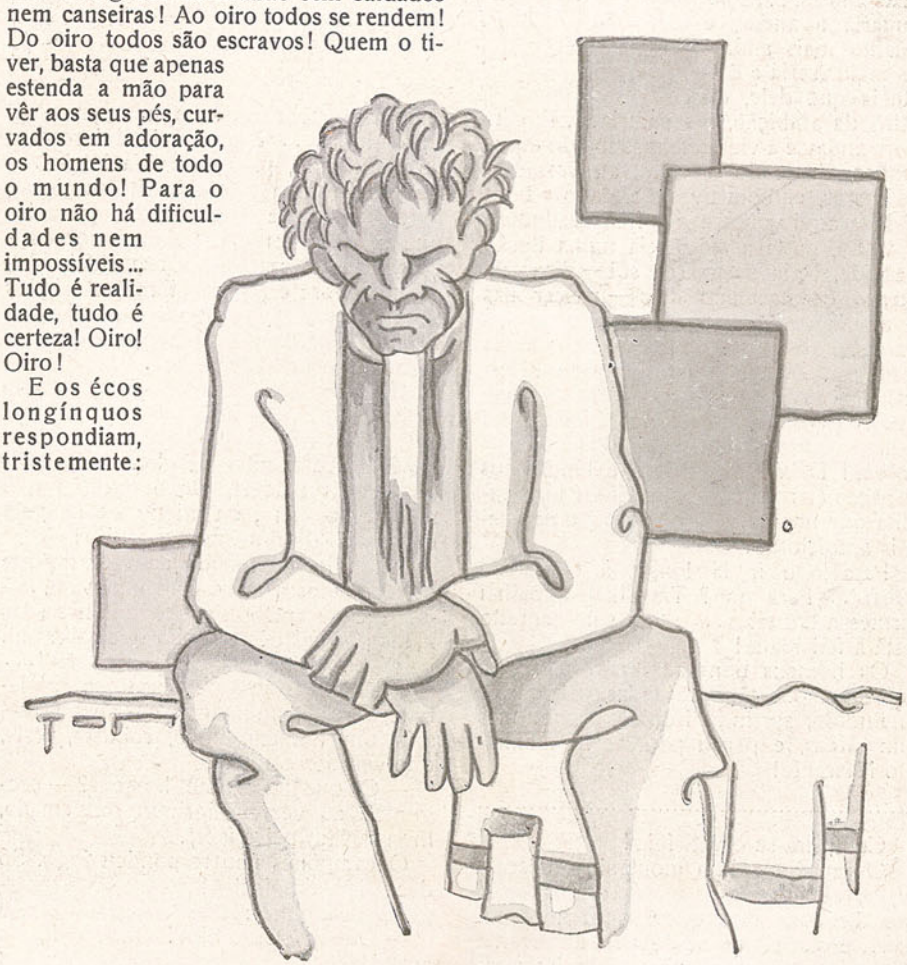
— Além... Aquele disco que resplende no céu é oiro. Caminhemos em direcção ás montanhas do Nascente que se abrem para o deixar surdir... E quando tal se dèr, nós o agarraremos, e teremos o oiro!

E os pobres cavadores, bradaram:

— Caminhemos! Caminhemos, pois, para as montanhas do Nascente!

Mas uma voz terrível se ouviu. O mais velho dos camponezes, cuja idade infundia todo o respeito, exclamou:

— Insensatos! Loucos que sois! Pois vós, que sois felizes, que tendes a vossa alegria aqui neste pedaço de terra, quereis ir buscá-la lá longe, no que não passa de fatal miragem? Deixai falar êsse louco... Quando



qualquer de vós chegasse às montanhas do Nascente, e olhasse para além, veria que êsse disco de oiro que roda no céu, no céu ficaria, sempre longe, muito mais longe... Continuaria a andar, e quanto mais andasse, maior seria a distância que dele, do astro da ambição, o separaria... E, embora andasse a vida inteira, subindo montanhas, descendo a vales, atravessando os mares, embora tivesse andado a terra tôda e aqui voltasse por fim, desiludido e velho, gasta a existência numa ilusão perdida, veria sempre o sol — disco de eterno e imaculado oiro — nascer nas montanhas do Nascente, parecendo escarnecer e castigar assim uma tão louca ambição... Homens bons, ouvi-me! Deixai falar êsse louco! O oiro, êsse oiro que atrai e perde as almas, não dá felicidade!

Pelo contrário! Acende ódios e invejas tôrvas! Deixai que brilhe e cintile nos espaços eternos êsse astro que é luz bendita que nos dá vida e pão... e não sejais ambiciosos!

Para que ir lá longe, à busca do Oiro... Para quê? Trabalhai, trabalhai firmes e honestos... neste solo sagrado está a felicidade!

Os homens bons curvaram a cabeça, vencidos por tão profundas palavras, e o iludido, sorrindo irónico, acenou-lhes um adeus, e partiu para as Montanhas do Nascente!

.....

Cumprira-se o vaticínio!

O cavador subira montanhas, descera vales, atravessara os mares, olhos postos no disco de oiro que rodava no espaço... e que jámais se deixaria alcançar... Conheceu tôdas as vilezas da humanidade, aprendeu os seus horrores e as suas glórias... e nessa via dolorosa, o pobre iludido, gastou a vida inteira...

Quando uma tardinha viu surgir ao longe, de entre essas fundas serranias que a cercavam e a faziam ignorada e ignorante do mundo, a sua aldeia singela, o pobre camponês tinha os cabelos tão brancos como flocos de linho, as faces maceradas pelas mágoas, e o corpo alquebrado pelas fadigas...

Dirigiu-se ao campo onde outrora trabalhara e fôra tão feliz...

E, que viu?

Montes e montes de oiro... de oiro puro, sem mácula, como o disco que rodava no céu para ali tivesse lançado um pouco do seu imenso tesoiro!

Incrédulo, duvidando da verdade que os seus olhos atónitos contemplavam, foi-se a êles, apalpou-os, tomou nas suas mãos poalhas dêsse sonho que estava ali palpável. Caíu de joelhos, a chorar!...

Então, do grupo de cavadores que labutavam ali, num esfôrço abençoado, saíu um homem, novo, robusto, forte, que veio ter com êle.

— O que tem, bom homem? — preguntou ao ver as lágrimas, que em fio, lhe rolavam pelas faces.

O camponês não respondeu logo. Só decorrido uns instantes encontrou energia para inquirir:

— Oiro... tanto oiro! Onde o foram arranjar?

O cavador sorriu.

— Tão simplesmente... Cavando essa terra bendita, lançando-lhe no seio as sementes da vida... Estas germinaram, cresceram e cobriram-se de verde, e dele nasceu a seara loira donde extrairam êsses montes de oiro... oiro santo, que dá vida à própria vida — o Pão!

— Oiro! Oiro! — murmurou o velho num gemido — que triste desilusão para os que deslumbrados pelo seu falso fulgor caminham loucamente para o abismo onde se precipitam.

— Deve ter sofrido muito? — tornou-lhe o rapaz que parecia atraído para aquele ancião de barbas venerandas, como se uma força imperiosa e inexplicável o impelisse.

— Oh! imenso! Nem pode fazer uma pequena ideia!

— Vem de muito longe?

— Venho do fim do Mundo. Posso dizer que conheço a maldade humana em toda a sua espantosa extensão... Riquezas que eu sonhei não passavam de míseras fantasias que, num momento, se desmoronavam como um castelo de cartas ao mais ligeiro sôpro... E ainda ha quem tente ir à procura da felicidade por essas terras fóra, atravessando mares sem fim, quando a tinha junto de si, no lar abençoado, por mais humilde que fôsse! Ah! que loucura! que loucura imperdoável que nos deixa a alma marcada como se fôsse com um ferro em brasa!

Nunca teve dessas ambições? Nunca sentiu desejo de ir á procura do oiro?

O jovem cavador disse-lhe:

— Com a sua pregunta, fez-me lembrar uma bem triste coisa... Havia aqui um pobre homem que um dia se foi á busca do oiro... e despresou o único oiro que lhe daria a felicidade!

— Conheceu êsse homem e sabe onde está? — gemeu o desventurado.

— Conheci... amei-o e amo-o ainda... era meu pai!

Onde está agora... não sei...

Não pôde continuar.

O velho lançou-se-lhe ao pescoço, cobriu-o de beijos, e afagou-lhe a cabeça como se o visse ainda criancinha.

— Onde está... meu filho, meu querido filho?... está aqui, junto de ti, chorando, agora tardiamente, o êrro cometido.

Abraçaram-se os dois, enternecidos, e depois, como em prece, o pai murmurou:

— Perdão... perdão, meu torrãozinho amado, perdoa-me, que só agora eu compreendo como tinha razão quem dizia que o oiro não passava duma falsa ilusão que só acendia ódios e invejas! — Ouve, meu filho...

Quando vozes malditas te disserem ao ouvido que o oiro dá felicidade, e que tu podes alcançá-lo com aquele disco doirado, não os oiças... Que êle só dá felicidade lá em cima, a brilhar, a irradiar a luz e o calor. O mais... é lama, é pó, é sonho desfeito... Oiro! Oiro! Desgraça, Perdição!...

E os écos, repetiram lugubremente:

— Oiro!... Oiro! Desgraça! Perdição!

Odette Passos de Saint-Maurice.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No Nacional

A terceira e última tarde literária de caridade, que uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade da qual fazem parte D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio, D. Maria de Lancastre Van-Zeller e D. Maria Lane Borges de Sousa, a favor da Sopa da Freguesia da Estrêla, Escolas Católicas, Preventório de Colares e Casa de Protecção e Amparo de Santo António, realizar-se-á no teatro Nacional Almeida Garrett, no dia 3 do corrente, dedicada ao saudoso dramaturgo D. João da Câmara, subindo à cena nessa tarde mais uma vez a lindíssima peça da sua autoria «Os Velhos», desempenhada pelos principais artistas da companhia Rey Colaço-Robles Monteiro, estando os poucos bilhetes que restam à venda no camaroteiro do teatro.

No Grémio de Traz-os-Montes

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob presidência da sr.ª D. Maria do Carmo Fragoso Carmona, espôsa do ilustre Chefe do Estado, sr. general António Oscar Fragoso Carmona, e da qual fazem parte D. Amélia Perez y Perez Fialho da Costa, D. Beatriz Arnut, D. Cesaltina da Silva Carmona e Costa, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, D. Emília de Sousa Costa, D. Maria Madalena Trigueiros de Martel Patrício e D. Regina Quintanilha, cujo produto se destina à fundação do «Lar Académico Trasmontano», realizar-se-á nos vastos salões do Grémio de Traz-os-Montes, na noite de 3 do corrente, um grandioso baile, seguido de ceia, havendo durante o baile um sensacional programa em que tomarão parte distintos artistas dos nossos teatros musicados, sendo o baile abrilhantado por uma exímia orquestra «jazz-band» que se fará ouvir em um esplêndido programa de músicas modernas.

Chá Mah-jong

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde do dia 18 do passado mês de Março, nos magníficos salões do Club Tauromáquico, à rua Ivens, um «Chá Mah-jong» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as seguintes: D. Alice Sousa Melo, D. Alia Maury de Melo, D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Beatriz de Mendonça, D. Clarisse Lomelino Guimarãis, Condessa de Castro Marim, Condessa de Murça, Condessa de São Tiago, D. Helena Mauperrin Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lancastre, D. Maria do Carmo Contreiras Machado, D. Maria Eugénia Correia de Sampaio de Castro Pereira, D. Maria Isabel Brazão de Sommer, D. Maria Isabel d'Orey Correia de Sampaio, D. Maria Isabel de Sousa Rêgo de Campos Henriques, D. Otávia Stromp Martins Pereira, Viscondessa de Almeida Garrett e Viscondessa de Taveira, cujo produto se destina a favor de várias obras patrocinadas pela comissãs organizadora, tendo decerto a comissão ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos, tanto financeiro como mundano.

Casamentos

Celebrou-se na igreja do Corpo Santo, com muita intimidade, o casamento da sr.ª D. Maria da Conceição Seabra da Câmara, gentil filha da sr.ª D. Maria Inês Seabra da Câmara e do ilustre clínico sr. dr. D. Vicente Zarco da Câmara (Ribeira Grande), já falecidos, com o distinto engenheiro sr. D. António de Portugal e Castro, filho da sr.ª Baronesa de São Cosme, e do falecido sr. D. António de Portugal e Castro, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.ªs D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra e D. Helena de Melo e Costa da Câmara e de padrinhos os srs. Joaquim Rasteiro e Barão de São Cosme, irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo dr. Augusto de Araujo, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para São Martinho do Porto, onde foram passar a lua de mel, partindo dali para o Barreiro, onde fixam residência.

— Na Basílica da Estrêla, celebrou-se presidido pelo reverendo monsenhor Domingos Nogueira, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Francisca Maria Ana de Melo Breyner Cardoso de Meneses (Margaride), gentil filha da sr.ª D. Margarida de Melo Breyner Cardoso de Meneses e do nosso querido amigo sr. dr. José Cardoso de Meneses (Margaride), com o sr. Diogo da Gama Lobo Salema, filho da sr.ª D. Maria José Pinto da França Salema e do sr. Manuel da Gama Lobo Salema, servindo de madrinhas as tias da noiva sr.ªs Condessa de Sobral e D. Helena Felgueiras Cardoso de Meneses e de padrinhos os srs. Fernando da Gama Lobo Salema, e Bento da Gama Lobo Salema, respectivamente tio e irmão do noivo, fazendo-se êste último representar por seu tio o sr. José Manuel Figueira Freire. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Finda a cerimónia, durante a qual foram executados no orgão vários trechos de música sacra, foi servido no salão de mesa da elegante residência dos pais da noiva, à rua de S. Caetano, um finíssimo lanche da pastelaria «Aurea», partindo os noivos aquem foram ofecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para a quinta da Fidalga no Seixal, propriedade da família do noivo, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para o norte, onde fixaram residência.

Na assistência à cerimónia viam-se as sr.as:

Condessa de Sobral e filha, Viscondessa de Pindela, Baroneza de Almeirim (D. Luiza), D. Maria José Pinto da França Salema, D. Adelaide Braacmamp de Melo Breyner, D. Eugénia Braamcamp da Câmara e filha, D. Lívia Street de Melo Breyner e filha, D. Helena Felgueiras Cardoso de Meneses e filha, D. Maria Bernardina Salema Reis e filha, D. Matilde Guedes de Vilhena Pessanh e filha, D. Maria de Jesus Salema Figueira, D. Eugénia Manuel (Atalaia), D. Sofia de Serpa Ferreira Aranda de Sousa e Meneses, D. Berta Mauperrin de Castelbranco, D. Maria Augusta de Carvalho Morais, D. Maria Bernardina da França Perestrelo e filha, D. Maria da Conceição de Borja Trindade de Serra e Moura, D. Maria Izabel da França Tamagnini, D. Maria Helena Garcez Pinto Madureira (Varzea do Douro), D. Maria Rita da França Frigoso, D. Arminda Baptista Cardoso de Meneses, D. Maria Amália Canavarro Cabral Menerêles, D. Berta de Lima de Sousa Rêgo Sobral e filha, D. Maria Amélia Xavier da Costa, D. Matilde Cardoso de Meneses Acciaiolid, D. Maria Antónia Corrêa de Barros Cardoso de Meneses, D. Luiza Adelaide Cardoso de Meneses de Morais, D. Francisca da Câmara Pinto Basto, D. Maria do Carmo Vilar da Câmara, D. Ana da Câmara Ferreira, D. Sara Cabral Salema, D. Maria Luiza Manuel, D. Margarida da Gama Lobo Salema, D. Maria Cristina Xavier da Costa de Castro, D. Maria Amélia Xavier Cordeiro, D. Adelaide da Câmara Vilar, D. Maria da Natividade Cabral da Câmara, D. Maria Luiza de Medeiros de Morais, D. Maria Henriqueta Abecassis, D. Emília, D. Maria Izabel, e D. Mariana Lobo Melo e Castro de Avilez, D. Donis May Perestrelo, D. Maria da Conceição, D. Luiza, D. Izabel, e D. Maria do Carmo do Amaral Canavarro, D. Maria Helena de Castro, D. Maria José Constâncio, D. Tereza Maria Bianchi Plantier, D. Maria Luiza de Albuquerque Teixeira, D. Maria Emília Prestrelo Trigoso, D. Maria Carolina de Franco Somer Ribeiro, D. Maria Adelaide Malheiro Reimão Nogueira, D. Madalena, D. Maria Luiza e D Maria Manuela Xavier Norton, D. Maria Madalena Podestá da França, etc., etc.

E os srs.

Visconde de Pindela, Dr. Alfredo Alberto dos Reis, Manuel da Gama Lobo Salema, D. Francisco Lobo de Almeida Melo e Castro de Avilez, Dr. José Alberto dos Reis, José Manuel Figueira Freire Luiz da Câmara Lobo Salema, Manuel Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), Luiz Cardoso de Meneses (Margaride), Hermano Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), Major Alberto Cardoso de Meneses (Margaride), Dr. Luiz Xavier da Costa, Tomaz de Lemos de Serra e Moura, Dr. João de Passos de Sousa Canavarro, Eduardo Ferreira Pinto Basto, D. José Basílio de Castelbranco, António de Cota Falcão Aranha, Francisco Figueira Freire, Dr. Eurico de Morais, Leonardo Trigoso, Artur Norton, Dr. João Manuel Xavier da Costa, Capitão José Cardoso de Meneses (Margaride), Anselmo Ferreira Pinto Basto, D. Nuno de Figueiredo Cabral da Câmarr, Luiz Afonso Vilar, Luiz Acciaioli, Luiz Henrique Cardoso de Meneses (Margaride), D. Vasco de Figueiredo Cabral da Câmara, Fernando da Gama Lobo Salema, Simão Cota Falcão Aranha, Eugénio Cabral Meneses, Sebastião Rafael Perestrelo, Tenente João Amado e Vasconcelos, Luiz Salvador e Manuel Braamcamp de Melo Breyner (Sobral), Luiz Maria e Mateus Xavier da Costa, Eurico de Carvalho Morais, D. Fernando Penalva de Mascarenhas (Tôrre), Joaquim Miguel de Borja Trindade de Serra e Moura, Rui Tôrre do Vale, José Manuel Norton, António Bernardo Ferreira, Aspirante António Braamcamp (Sobral), José Júlio de Morais, João Cardoso de Meneses (Margaride), João Maria Cardoso de Meneses, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc, etc.

Os ilustres donos da casa e seus filhos, foram uma cativante amabilidade, pondo assim mais uma vez em destaque as suas fidalgas qualidades de caracter.

— Foi pedida em casamento para seu filho Henrique, distinto oficial da aviação naval, pela sr.ª D. Sílvia Owen Pinto da Costa Pessoa (Vinhais), a sr.ª D. Maria Helena Dahl Burnay, interessante filha da sr.ª D. Helena Dahl Burnay e do sr. Manuel Ortigão Burnay, devendo a cerimónia realizar-se brevemente.

Nascimentos

— A sr.ª D. Germana Marques Pinto Ruela Ramos, espôsa do distinto advogado sr. Dr. João Ruela Ramos, teve o seu bom sucesso. Mai e filho encontram-se felizmente bem.

Aspecto da assistência aos «chás-dansantes» organisados pelos cronistas mundanos Vasconcelos e Sá e Mota Marques no Palácio Foz

A QUINZENA DESPORTIVA

Um pelotão de corredores em que figuram ainda todos os favoritos do campeonato pedestre do fundo, segue, estrada fora, acompanhado por numerosos ciclistas que só servem para gerar embaraços

E' ainda uma conseqüência reprovável da crescente popularidade desportiva que serve de motivo às considerações doutrinárias que habitualmente abrem estas nossas crónicas quinzenais.

Trata-se da questão dos clubes chamados corporativos, isto é, constituídos pelos elementos pertencentes a determinada organização comercial ou industrial, questão de há muito resolvida nos países mais em avanço na matéria, mas que em Portugal só agora se apresenta em moldes que constituem uma autêntica imoralidade e um perigo para as legítimas regalias das agremiações desportivas civis independentes.

Somos, em princípio, inteiramente partidários da organização e expansão do desporto e da educação física dentro dos grandes organismos sociais e para benefício dos indivíduos integrados no seu pessoal trabalhador; devem ser patrocinados e louvados os torneios próprios, no género dos campeonatos bancários de há longos anos regularmente disputados em Lisboa, e cuja actividade decorre em absoluta separação das provas similares entre clubes civis.

Nessas competições, de interêsse meramente circunscrito à classe corporativa, para as quais é posta de parte a atenção do grande público, encontram os verdadeiros empregados da profissão o incentivo suficiente para buscarem na prática regular do desporto um meio de progredir e se desenvolver fisicamente.

Acontece, porém, que algumas emprezas viram, e com razão, um excelente processo de propaganda na popularidade de que gosa o desporto, e vá de invadir as competições civis criando por qualquer processo equipas representativas susceptíveis de conquistar a vitória, e, portanto, o reclamo gratuito das críticas da especialidade, das citações nos jornais diários e da infiltração no espírito público.

Em todos os meios onde o desporto está devidamente organizado, os regulamentos impedem os abusos dêste género que constituem para os clubes especializados uma concorrência desleal e sob o ponto de vista moral uma lamentável desvirtuação da finalidade desportiva.

Enquanto os chefes das grandes emprêsas fomentam a prática do desporto entre os seus empregados, são uns beneméritos dignos de aplauso; mas quando contratam, oferecendo-lhes situações vantajosas, os campeões esparsos pelos clubes para com êles formarem equipas, cuja actividade constitui afinal a razão de ser da sua admissão, deixam de merecer qualquer espécie de aprêço e não podem ser admitidos no convívio das competições desportivas civis.

Algumas entidades dirigentes preveniram já a perigosa invasão incluindo nos seus regulamentos disposições que impedem a filiação de agremiações de características ou deminuïção corporativa e aquelas que ainda o não fizeram, devem apressar-se, enquanto é tempo, a seguir-lhes o exemplo, para que não suceda escândalo igual ao que acaba de verificar-se no hockey em patins, que o "Lisgaz" se decidiu a praticar formando duas fortes categorias onde apenas um elemento é antigo empregado na casa. Os restantes, foram todos adquiridos nos vários clubes que cultivam a modalidade, mediante a oferta de emprêgos tentadores.

■

As corridas de barcos à vela sôbre patins nos lagos gelados da Alemanha reúnem grande número de concorrentes

Disputou-se pela primeira o campeonato de Lisboa de fundo em corrida pedestre, numa distância de trinta quilómetros traçada nas estradas que unem Sintra a Lisboa.

A prova decorreu com notável interêsse e constituiu um excelente elemento de propaganda da modalidade, parecendo-nos, porém, que foi marcada fora da época própria, o mesmo reparo se aplicando a Maratona nacional, corrida no domingo de Páscoa.

Depois do periodo invernoso reservado às competições de "cross-country" e às provas em estrada de percurso reduzido e características colectivas, os homens acusam normalmente fadiga a requerer periodo de descanço e a forma, produto duma preparação orientada para fins diferentes, não é compatível com as exigências das corridas de grande fundo. A própria temperatura e condições atmosféricas são contrárias ao esfôrço dos corredores.

A época mais propícia. e aquela habitualmente escolhida no estrangeiro para estas provas de longa quilometragem, é o princípio do verão, que estimariamos ver também preferida pelos novos dirigentes, na certeza de que bem melhores seriam os resultados.

O vencedor do campeonato de Lisboa de fundo foi Jaime Mendes, conseguindo bater por cêrca de duzentos e cinqüenta metros o favorito Manuel Dias e por oito minutos o terceiro classificado, o júnior Amadeu Silva; triunfo absolutamente regular, alcançado por um homem em melhor forma de momento, mais moço e portanto mais rico em reservas de energias, tanto mais que soubera durante os meses precedentes poupar esfôrços afastando-se das competições pedestres.

A vitória do vendedor de jornais restabelece créditos de classe que o insucesso da sua prova olímpica viera abalar; não se pode pôr em dúvida o valor de Jaime Mendes como especialista de grande fundo e seria do mais ajuïzado critério que as entidades superiores do atletismo olhasem desde já com o maior cuidado para a meticulosa preparação dêsse provável selecionado português para os jogos de Tóquio.

Haverá quem sorria da antecipação com que falamos do assunto; quatro anos, porém, representam curto praso na vida dum atleta, cujo rendimento desportivo óptimo não pode nunca ser gerado por inspiração nem admite precipitações.

Para obter resultados satisfatórios e indispensável prepará-los com larga antecedência, não só pelo treino, como ainda evitando excessos e êrros e que prejudiquem o desenvolvimento das faculdades naturais do atleta.

■

Nos primeiros dias de Agosto do ano findo, o congresso da Federação Internacional de Foot-ball a que assistimos em Berlim, lançava na acta duma das suas sessões um voto de unânime pesar pela morte violenta, em Madrid, do célebre guarda-redes espanhol Ricardo Zamora.

Desde essa data foram postos a correr os mais desencontrados boatos, e o famoso jogador tão depressa morria como ressuscitava; houve no entanto alguém seu mais dilecto amigo e camarada José Samitier — outro nome consagrado no livro de ouro de foot-ball, — que sempre afirmou a mais optimista confiança pelo destino de Zamora.

Verifica-se, agora, que era sua a razão; o cruzador argentino "Tucuman" desembarcou em Marselha o "majo de la pelota", proveniente de Madrid donde saíra com passaporte especial do govêrno de Valência.

A aventura de Zamora foi, afinal, muito menos trágica do que as notícias a seu respeito faziam supor; foi pela T. S. F. que soube, em sua própria casa que o mundo anunciava o seu fusilamento, e temendo que à volta da suspeita invenção se tecessem comentários em que fôsse acusado de nacionalismo, decidiu refugiar-se em casa de pessoa amiga.

Volvidos três meses, o acaso duma busca fez com que fôsse encontrado e enclausurado numa prisão, onde afirma que sempre lhe dispensaram tôdas as atenções, recebendo mesmo tratamento de excepção.

Ao fim dalgum tempo foi posto em liberdade e voltou para junto da família, que encontrou nas melhores disposições, não tendo recebido o menor dissabor.

A-pesar-de tudo, Zamora não sentia o espírito tranquilo, temendo qualquer excesso popular e foi com os seus pedir albergue à embaixada da Argentina, onde se conservou até à sua saída do território espanhol. Embora não afirme uma resolução definitiva, o guarda-redes catalão, cuja situação económica não deve ser desafogada, considera provável o prosseguimento da sua actividade desportiva em terras sul-americanas. Emquanto não parte para novos destinos, Zamora recolheu a Nice, onde vive Pepe Samitier, e anunciou já que alinhará pelo clube local nos encontros particulares que êste venha a disputar.

Os alemães Maxie Herber e Ernesto Baier, vencedores, em Londres, do campeonato mundial de patinagem artística

Jaime Mendes atinge, vencedor, a meta da corrida de 30 quilómetros, campeonato regional de fundo

■

A chegada da primavera, que tanto se tem feito esperar êste ano, vai desviar para outras competições a atenção do público até agora concentrada exclusivamente nas pugnas do football.

Durante três meses ainda, a liquidação do torneio da Liga e, em seguida, o campeonato nacional vão manter o interêsse dos apaixonados do jôgo da bola, mas o atletismo em pista e o ciclismo, para citar apenas os mais populares, vêm animar o meio e dispersar as atenções.

No momento em que despertam para nova época de vida, será oportuno fazer-lhes votos para que acusem os progressos indispensáveis à valorização dos seus resultados no conceito público e, principalmente, que os actos dos dirigentes não sejam de molde a lançar o desprestígio sôbre os desportos a seu cargo.

Se no atletismo as coisas decorrem com regularidade, com a pacata regularidade de sempre, parece que o mesmo se não pode dizer do ciclismo cuja entidade máxima se debate num gravíssimo incidente que oxalá se resolva pelo melhor.

Salazar Carreira.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 79

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado; Dicionário de Máximas, Adágios e Provérbios, de Jaime Rebêlo Espanha; e Dicionário de Sinónimos, de J. S. Bandeira.

CORREIO

Tansos — Vila Real. — Que agradável surprêsa a do seu ressurgimento! Não calcula a minha satisfação cada vez que me entra pela *porta* um dos autênticos e *velhos* companheiros de lides! Aprovo incondicionalmente a resolução — e oxalá que por muito tempo se mantenha a meu lado. Muito grato pela sua lista de decifrações — e muito mais pela distinção ao regressar. É para mim uma honra digna do maior aprêço.

Fico aguardando a sua remessa de colaboração, que muito folgarei em receber brevemente e que com o maior gôsto publicarei.

APURAMENTOS

N.º 70

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

QUIM MOSQUITO
N.º 11

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

D. TROVADOR
N.º 9

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 10, Moreninha

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 11 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Rei Mora, Calaveras.

QUADRO DE MÉRITO

Ti-Beado, 10. — X 505, 10. — Capitão Terror, 10. — Salustiano, 10. — Rei Luso, 10. — Só-Na-Fer, 10. — Só Lemos, 10. — Sonhador, 8. — João Tavares Pereira, 8. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 7. — Lamas & Silva, 7. — San-Fer, 6.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 4. — D. Dina, 4. — Lisbon Syl, 4. — Aldeão, 3.

DECIFRAÇÕES

1 — Deca-cada-década. 2 — Mana-nada-manada. 3 — Rédea. 4 — Cavatina. 5 — Meio-bordo. 6 — Fajardo-fado. 7 — Palhera-para. 8 — Leita-o-ão. 9 — *Empachoso.* 10 — Baidado-baldo. 11 — *Pela boca se aquenta o forno.*

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICA

1) O *rombo* é o produto da *pancada* no *batoque.* (2-2) 3.

Lisboa — *Pirecas*

NOVÍSSIMAS

2) Essa *cabeça*... sofre de *doença*... porque andas sempre a *dar à cabeça*... 2-1.

Lisboa — *Calaveras*

3) Quando *pego* na minha «pêga», *que tem a côr da gema do ovo,* vejo uma *espécie de golfão.* 2-4.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

4) O seu *mal* foi a *pena,* que o tornou *desgraçado.* 2-1.

Lisboa — *Kyd-Nio*

5) Um homem *feliz* é *a* própria estátua da *glória!* 3-1.

Lisboa — *Pantaleão*

6) V. ao menos *compreende* as coisas — e tem *pena* de não me saber *"estimado"!* 4-1.

Lisboa — *Pimpas*

7) V. *conhece* ou *"nota"* quando alguém é *inteligente?* 3-1.

Lisboa — *Rei dos Miúdos*

8) A *insignificância* de meios de que êste «*homem*» dispõe torna-o *tonto.* 2-2.

Luanda — *Ti-Beado*

SINCOPADAS

9) Essa *fúria* não se *disfarça.* 3-2.

Lisboa — *Kardónis*

10) Ganha o *prémio* quem tiver mais *fôrça*... 3-2.

Lisboa — *Moreninha*

11) É *majestoso* o seu *gesto!* 3-2.

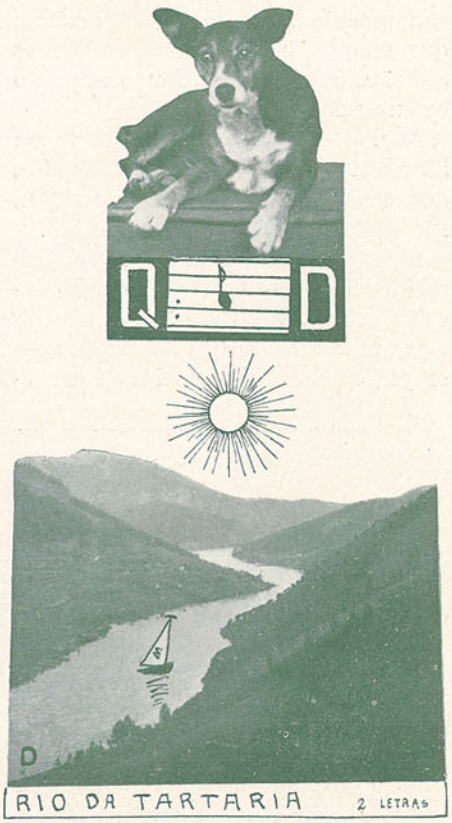
Lisboa — *Pantaleão*

12) Não *"engano"* nem *embaraço* ninguém... 3-2.

Lisboa — *San-Fer*

TRABALHOS DESENHADOS

20) ENIGMA FIGURADO



Lisboa — Nita

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

13) Se em silêncio mete o pé,
Duma forma decidida,
Logo chega e pronto vê
Ser igreja e não *ermida.*

Lisboa — *S. Irene*

MEFISTOFÉLICA

14) Quanto me *irrita* saber
Ter *nascido* assim tão perto
Da fortuna e não poder
Apanhá-la — ser *esperto*... (2-2) 3.

Lisboa — *Xis & Grego*

NOVÍSSIMAS

(Para a Yzinha)

15) *P'ra te amar e merecer*
Eu não sei o que faria.
Sei que até me perderia
Só para não te perder!

Nada o meu peito intimida,
Tudo é capaz de sofrer
De mais triste nesta vida
P'ra te amar e merecer!

Mas se acaso pertencesse
O teu corpo *a* outro um dia, — 1
Quando de dor não morresse,
Eu não sei o que faria!

Em matar êsse ladrão
Eu jàmais hesitaria...
Perdido o teu coração,
Sei que até me perderia!

Com *a* Morte redentora — 1
Tudo havia de esquecer...
Eu perdia a vida — embora —
Só para não *te perder!*

Lisboa — *Luzi*

16) A guerra, o monstro ingente e pavoroso
De compleição medonha, com afã
Se dispõe para o dia de àmanhã
Obter na terra o aspeito belicoso. — 1

O passado nos lembra inda o horroroso
Drama que trasbordou em luta vã...
Ah! Falassem os campos de Verdun
E o Mundo hesitaria duvidoso!

Mas os factos complicam-se àgilmente
E num *simples* instante, bruscamente, — 1
Abate o pilar de uma paz bemquista...

Será o cataclismo mais incrível
A caír, num desdém *puro* e invencível,
Sôbre uma geração nova, idealista...

Lisboa — *Ordisi (T. E. e L. A. C.)*

SINCOPADAS

17) Não há bela sem *senão,*
Segundo diz um ditado...
E tu caíste ao chão,
Do *altar* do teu amado... 3-2.

Lisboa — *D. Chica*

18) Meu *coração* pobrezinho
Anda perdido de amor!
Escravo do teu olhar,
Feito seu amo e *senhor!* — 3-2

Lisboa — *Laura-Ensa*

19) Um borracho impenitente
Que mora na minha rua
Pasmou hoje tôda a gente:
Não apanhou a perua

Já tão nossa conhecida!
Diz de Baco o partidário
Em ar *chistoso:* « — A bebida
A que foste refractário

— Falando com seus botões —
Vais chupar em duplicado
Em futuras refeições.
Fica o caso *liquidado*...

Para bem equilibrar
Quando não tomas nenhuma,
Àmanhã vais apanhar
Duas osgas em vez de uma...» — 3-2

Lisboa — *X 505*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração,* rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

LITERATURA E PETISCOS

A vida dos intelectuais, na nossa terra, sobretudo daqueles que não têm outra fonte de receita donde aufiram o pãosinho de cada dia, uma telha para se cobrirem, e uns trapos para apresentar-se decentemente, está-se tornando um problema de difícil solução, que foge a tôdas as regras da aritmética.

Êle sempre foi mais fácil, e mais de vontade feito, alimentar o estômago do que o espírito.

Diz-se até que para conquistar um coração não há como lisongear-lhe o seu visinho atrás citado.

Efectivamente, quer se trate de amor, quer de negócios, é sempre à mesa, em frente dum bom jantar ou dum chá bem servido, que as partes contratantes chegam a um acôrdo que a todos satisfaz.

"D. Juan", prático em um lançar a rede à beleza cubiçada, começa invariàvelmente a sua conquista com a oferta duma refeição.

O estômago, contente, ajuda a vencer as repugnâncias do espírito, e a dama requestada lá vai no bote... da ilusão.

Tem-se visto mulheres impolutas e blindadas de indiferença, como um tank moderno saturado de ferro, amolecerem, mastigando um bife ou escorripichando uma chávena de chá.

Para negócios, então, a arena mais própria para terçar armas é a sala dum restaurante.

O que quer fazer o arranjinho tem ali mais ampla disposição para intrujar ou convencer o *sujet* escolhido para êsses "passes" de magnetismo assestados ao estômago, de preferência ao entendimento.

■

Mais ou menos, em todos os tempos e em todos os países, as pobres letras andaram sempre desvairadas com a manutenção do corpinho que reveste o espírito que as alinha ao longo do tirânico papel em branco.

Dizem velhos alfarrábios que grandes luminares do livro e do jornalismo morreram à míngua num catre de hospital ou na camarata dum asilo.

Verlaine, em França, José Duro, em Portugal, não foram mais felizes, nas mãos da Fortuna, do que outros ilustres obreiros do espírito.

O ditado "nem só de pão vive o homem", nunca esteve em tempo algum muito em voga, porque o pão tomou sempre a dianteira ao alimento espiritual.

Hoje, parece até que êsse, como outros sensatos dizeres do povo que muito mereciam ser seguidos, caíu em completo esquecimento.

O transeunte que vai divagando por essas ruas admira e detalha mais as montras das mercearias, com os seus salpicões, queijos e presuntos, e as exposições dulces das confeitarias, do que o escaparate do livreiro, que súa as estopinhas para aliviar as prateleiras da loja.

É que com qualquer distracção se cala o espírito, naqueles em que êle pede sus-

tento, ao passo que o estômago, essa víscera cruel que tortura o humanidade e a leva até à prática de acções inconfessáveis, não quer saber de desgraças, não se embala com cantigas, e não cessa de reclamar, emquanto não se sente bem recheadinho.

Triste sinal da nossa animalidade, que tira todo o encanto à beleza feminina e à masculinidade dum Apolo.

Já viram coisa mais prosaica do que uns lindos dentes mastigando o cadáver dum animal, com a voracidade duma fera faminta, e coisa mais risível do que o gorgolejar dos líquidos numa garganta esbelta, e que o Charlot estigmatisa, na sua última criação do eterno vagabundo?

■

Ah! mas que querem vocês? Nós, por mais que nos divinisemos e queiramos pairar acima da matéria, não passamos duma máquina, com tôdas as necessidades e sujeiras de qualquer outra máquina sem alma.

E nem tôda a gente tem a fôrça de vontade bastante para sobrepor, por momentos que seja, um gôzo espiritual ao sabor dum coelho à caçadora ou ao cheiro apetitoso duma sardinha assada, se a mais alto não se abalança a sua pecúnia.

A maior parte dos mortais é incapaz de digerir um soneto ou uma página de boa prosa, sem ter preparado primeiro a pitança diária.

■

É por tôdas estas considerações que um livreiro da nossa praça literária — o Gomes de Carvalho, teve a ideia, luminosa dentro de tais limites, de espalhar pela capital um apêlo ao público para comprar livros e oferecendo-lhe, em troca e por grupos, um almôço ou um jantar, segundo a importância dispendida.

Pode ser que assim o indígena, que gosta do cavaco e da boa mesa, se decida a dar um pouco de alimento à sua inteligência, para que a não deixe atrofiar por completo em favor do estômago.

A ideia não é má e quem sabe se os senhores feirantes da próxima semana do livro não terão que dar bónus de restaurante, em vez do costumado desconto e do livrinho do brinde?

Estou brincando um pouco com isto, mas no fundo acho tudo profundamente triste, e desolador.

Os intelectuais, precisando de entendimento, com as casas de comes e bebes para abater na conta ao portador do seu livro e os editores, para se agüentarem na ressaca, terem de acenar com um convite de jantar ao provável — improvável era melhor — comprador que passa distraído pela sua montra.

Êsse aceno seria uma ironia bem achada, se não fôsse a tabuleta trágica dos tempos que correm, que começou a ser pintada em eras remotas. Pobres escribas!

Mercedes Blasco.

Cada época tem a sua característica e podemos sem errar, chamar à época actual a época da dança. Agora tôda a gente dança e dança-se a tôda a hora. «Matinées» para as crianças, que passam horas dançando, chás dançantes para os crescidos, que perdem tardes inteiras mexendo-se ao som horripilante do «jazz-band», jantares à americana em que se dança, se flirta, se diz mal do próximo e o menos que se faz é jantar, porque êsses bocados de comida fria e empoeirada, que se engolem entre um tango e um «fox-trot» ou um «shuming» não se podem chamar jantar.

Essas ceias à americana que começam às 11 horas da noite e se prolongam até de madrugada e são o motivo de tanta doença de fígado e intestinos, porque êsses desgraçados órgãos, acabam e com muita razão, por protestar, contra o trabalho contínuo, a que os obrigam, deitando-lhes alimento com grandes intervalos e fazendo-os trabalhar às horas a que deviam descansar segundo as fortes leis da natureza, que se não infingem sem grande dano, para o organismo humano, tão admiravelmente perfeito.

Os apaixonados da dança argumentam sempre que a dança é um esplêndido exercício, o que ninguém nega, mas para ter essas qualidades desportivas e de utilidade para a saúde, era preciso que êsse exercício fôsse feito em perfeitas condições higiénicas.

Ao ar livre, sôbre a relva, respirando os pulmões convenientemente, tendo os corpos espaço para se mover, tornando se artísticas as posições, seria a dança um elemento de desenvolvimento de aperfeiçoamento da raça humana, que tão necessitada está de melhorar.

Mas nesses espaços apertados, num ar confinado, numa atmosfera de fumo opiado, que dançarinos e dançarinas segundo a moda, chupando os seus cigarros, expelem para o ar que respiram, tornando a atmosfera densa, opaca e quasi irrespirável, num acanhado espaço onde se comprimem dúzias de pares, que quasi se não movimentam, a dança em vez dum exercício da maior utilidade para a saúde, torna-se numa exaustiva canseira que determina muitas inexplicáveis tuberculoses, em gente môça e que tinha saúde.

Este inconveniente é muito para ser atendido pelos pais e sobretudo pelas mães sempre tão indulgentes para êsse devertimento de suas filhas, em que entrevêm muito em segredo, a esperança dum bom casamento.

Muitas vezes essa esperança esvai-se como fumo e ficam tantas desilusões sem falar nos muitos inconvenientes dêsse passeio abraçadas numa atmosfera carregada e excitante, a que nem chamaremos dança, porque a dança lembra a música suave, atitudes elegantes e graciosas e uma certa poesia, que se pode dizer está completamente posta de parte nos «dancings», nas ceias à americana e nos jantares.

É depois lembremo-nos também de que se para a saúde a dança nessas condições é prejudicial, representa também horas perdidas na vida sem utilidade de espécie alguma, horas que aproveitadas num trabalho útil, na cultura do espírito, poderiam fazer desabrochar maravilhas dos cérebros humanos, podiam desenvolver e criar aptidões artísticas, podiam fazer brotar das almas, qualquer coisa de superior, que fôsse útil para quem as aproveitasse e para a colectividade.

É necessário também não esquecer que se dança sôbre um vulcão, que a vida na Europa e no mundo inteiro, é agitada por uma convulsão, que tem a sua razão de ser na inconsciência das classes superiores, que como a cigarra da fábula, passam os dias cantando e dançando, sem pensar no futuro e sem se lembrar, que no mundo há deveres mais altos a atender do que o divertimento.

Ás mães incumbe o papel, talvez ingrato, de fazer vêr a seus filhos, que a vida não nos foi dada para dançar e que é preciso trabalhar num trabalho útil e não desperdiçar horas e horas sem proveito. A distracção deve ser usada como uma recompensa ao trabalho, deve ser na vida uma coisa excepcional e não o regime diário.

Dias após dias passados nos «dancings» acabam por se tornar a vida de todos os dias, um hábito prejudicial, que tornam a juventude aciosa e «blasée», origem de muitas neurastenias, de muitas contrariedades, de muitos trambulhões morais e do descalabro de muitas vidas, que poderiam ter sido da maior utilidade, se bem orientadas, tivessem tido um mais alto fim.

Maria de Eça.

A moda

Primavera florida e bela, e as «toilettes» novas a convidarem as senhoras a mostrarem-se em tôda a sua elegante desenvoltura. Postos de parte os seus abafos, que não asseguramos não sejam ainda chamados, a voltar a abafar suas donas, nas ásperas e ventosas tardes de Abril e Maio, começam a aparecer os graciosos vestidos de primavera tão novos e interessantes.

Vamos recorrer mais uma vez à elegância das gentis estrêlas do formoso céu de Hollywood, para elucidar as nossas leitoras sôbre a moda, ninguém como elas a usa tão graciosamente, e, tão bem a sabe adaptar à sua beleza e graça.

Para a rua temos um lindo conjunto que nos apresenta Jean Harlow, formosa loirinha que com o seu sorriso ilumina os «studios» da Metro Goldwyn Mayer.

E' um conjunto em lã e «moirée» do mais belo efeito. A saia estreita e dum corte muito simples é em lã preta. A blusa russa com aba ampla e rodada em lã preta, é na parte superior em «moirée», amplas mangas e fechada até ao pescoço. O chapéu é uma pequena «collotte» em setim preto, guarnecida por um laço em «moirée». Sapatos em camurça preta. E' um conjunto da mais alta distinção.

Para jantar, teatro e uma noite de menos cerimónia Betty Furness da Metro Goldwyn Mayer mostra-nos um original vestido, saia em taffetás preto, com uma barra em veludo. Jaquetinha em veludo preto apertada até ao pescoço e de manga comprida.

E' para notar o véu em tule seguro por uma coroasinha de miosotis, que as elegantes estão adoptando para preservar os seus penteados.

Para a noite temos uma linda toilette apresentada por Haster Deane uma das novas estrêlas da Metro Goldwyn Mayer, de grande beleza e distinção, muito cingida ao corpo desenha o vestido, o esbelto corpo da linda actriz. Em «crêpe marrocain» branco marfim é pequeno o seu decote que é cortado para os ombros, como mangas longas franjas em seda branca, que arrastam no chão, acompanhando a longa cauda. Tem novidade e «chic» êste lindo vestido.

Numa época de transição não podemos esquecer os chapéus a que podemos chamar a coroa da mulher. Apresentamos dois lindos modelos, Jean Harlow mostra-se deliciosamente bela com o pequenino chapéu em setim preto a que um lindo véu, talhado a geito, dá a maior graciosidade e que completa a bonita «toilette» em «marrocain» de lã guarnecida a franjas de seda.

A sua gentileza realça com êsse juvenil chapelinho que lhe vai a matar, e, oferece um modêlo encantador para as juvenis raparigas de lindo sorriso.

Para de manhã e para simples um grande «canotier» em palha azul escura, êste ano usar-se-ão muito os chapéus grandes, que no verão são de grande utilidade, principalmente num clima soalheiro e quente como é o nosso em que é bem necessário abrigar a cabeça dos ardores do sol tão forte.

O calçado é também objecto de grande estudo e cuidado e muito justificado, pois que, por mais bem vestida que uma senhora esteja, se estiver mal calçada a sua toilette perde por completo a elegância.

Aqui temos um modêlo simples de calçado de primavera, elegante e que se presta a todo o uso. Os saltos de meia altura são da maior comodidade e prestam-se muito mais a andar a pé, higiene tão recomendada pelos médicos. Os saltos altos já não são considerados de grande elegância, e além disso são muito nocivos à saude da mulher, que se vê obrigada a andar numa posição forçada.

Escritora portuguesa

Faleceu há pouco em Lisboa a senhora D. Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes, escritora que muito honrou as letras pátrias, não devendo passar despercebido, o seu pensamento, à mulher portuguesa.

Nascida na India, natural de Gôa, desde criança, que esta senhora manifestou dotes duma viva inteligência. A história e a geografia, foram os estudos, que mais atraíram o seu espírito. Aos dez anos de idade conhecia minuciosamente a história de Portugal.

Professora distinta, dedicou-se às letras e são admiráveis os seus estudos para a história da India. O seu patriotismo e o amor à India portuguesa deu-lhe o desejo de tornar a sua história conhecida. Esse desejo mais se exacerbou, quando ao querer estudar essa história soube, que só em livros ingleses o poderia fazer, e, para se instruir na história pátria viu-se obrigada a estudar o inglês.

Para evitar aos portugueses êsse trabalho resolveu dedicar-se a escrever livros de história da India, que são também livros da história de Portugal.

Publicou uma interessante série de livros «Os Portugueses na India», que representam um aturado estudo e uma grande erudição.

Em 1930 publicou o «Sumário da História Geral da India», que é um livro da maior utilidade e interêsse, pois nele se encontra tôda a história da India, religiões, reformas, êste livro deve ser conhecido por todos os que se interessam pela India e pela sua maravilhosa história.

Já há alguns anos que esta inteligente e culta senhora vivia em Portugal. Esteve em Moura no Alentejo, como professora, e, veio acabar os seus dias aqui, nova ainda, e, podendo com a sua lúcida inteligência e dotes de escritora prestar à pátria os maiores serviços.

D. Maria Ermelinda dos Stuarts Gomes deixou um nome, que não pode nem deve ser ignorado das senhoras do seu país, porque ao escrever teve sempre o elenado pensamento, de engrandecer a sua pátria, sentimento profundo que embelezou a sua vida.

PÁGINAS FEMININAS

De mulher para mulher

Noiva feliz: Depende de se continuar a sê-lo, receita não é fácil dar-lha. Observe o seu marido, estude-o e pense que o seu dever agora é agradar-lhe e viver para o seu lar, para o seu marido e mais tarde para os seus filhos, se Deus permitir que os tenha Não disperse a sua atenção pela vida exterior, nem fantasie, que seu marido ha-de ser sempre um modêlo. Qualidades e defeitos todos temos, desenvolva umas, escureça as outras e será sempre feliz.

Violeta: E' encantadora de simplicidade a sua carta, mas que lhe posso dizer, que não seja contra a minha maneira de pensar, nunca se deve influenciar ninguem para fazer uma escolha desde que dependa a felicidade de duas vidas. Observe, estude e depois decida-se, é a única coisa que lhe posso dizer.

Rosa branca: Um vestido preto usa-se sempre e é tão fácil alegra-lo, com uma «écharpe» de veludo em tom vivo, ou com uma guarnição em «organdi» branco ou «piquet» de seda, que não vejo motivo para essa relutancia, sobretudo numa época em que se usa tanto o preto, que até raparigas novissimas se vestem dessa côr.

Higiene e beleza

Há peles que não são sêcas, nem tão pouco gordurosas, o que não impede, que precisem também de tratamento. Para essas peles basta o uso dum leite, que se faz em casa e que é duma grande simplicidade:

125 gramas de amêndoas descascadas, mas conservando a pelinha que as envolve, deitam-se num litro de água a ferver e deixam se aí ficar durante oito dias. Passado êsse tempo, filtra-se, juntam-se-lhe algumas gotas de benjoim e aplica-se êste líquido tôdas as manhãs depois de lavar a cara, embebendo um pouco de algodão nele. Deixa-se secar e faz-se a «maquillage».

Para o «cenê» êsse martírio que tanto apoquenta as senhoras, ensaboar três vezes por semana o rosto com um sabonete sulforoso. Aplicar em seguida a seguinte loção:

Sublimado, 0 gr. 20; seido acético, 1 gr.; tintura de benjoim, 5 gr.; kaolino, 5 gr.; álcool a 90°, 20 gr.; água distilada, 70 gr. Em seguida a aplicar esta loção empoar a cara com pó de talco e durante uns dias não fazer uso de «rouge» ou pó de arroz perfumado.

A mãi

A mãi é na vida humana o símbolo do amor e do sacrifício. A vida das mãis é um tecido de pequenos sacrifícios diários, que quando é necessário se tornam heroicos. Mas é tão natural á mãi sacrificar-se, que raramente se faz atenção ou se eleva o seu sacrifício.

Em tôda a parte se fazem monumentos aos herois. Depois da grande guerra não houve aldeia que não erguesse um padrão aos seus herois, em todos os países se combateram.

Mas ás mãis só a Jugo Eslávia levantou um monumento, ás mãis dos soldados mortos na guerra, as mãis que lhes deram o ser, que lhes deram a vida e que deram á pátria o sacrifício do seu sangue e das suas lágrimas. Foi uma lacuna admirávelmente preenchida pelo cinzel artístico de Iva Despic, porque só uma mulher poderia sentir êsse monumento.

A sua obra — diz ela — não é sòmente oferecida ás mãis do seu país, mas sim ás mãis de todos os países que choram os seus filhos sacrificados. E' o monumento ao amor maternal, o mais alto e elevado sentimento humano.

Receitas de cosinha

Ovos estrelados à Chivry: Para doze ovos, preparam-se de vespera, doze fatias de pão com forma oval, tendo oito centimetros de comprido por três centimetros e meio de largura, três decilitros de môlho Chivry, que é um crème que se faz como qualquer outro deitando-lhe alcaparras.

Dez minutos antes de ir para a meza, estrelam-se os doze ovos, que devem ser muito frescos; e, levam três minutos a estrelar. Deixam se arrefecer e cortam-se em volta na mesma forma que a fatia de pão.

Numa travessa colocam se as fatias de pão, guarnecidas com azedas, sôbre cada fatia coloca-se um ovo, cobrem-se os ovos com o môlho e põe entre êles como guarnição, salsa.

Sopa esfarrapada: E' uma bôa sopa, feita de caldo de carne bem apurado, conforme o número de pessôas, assim a quantidade de carne, coado e deitam-se-lhe duas ou três gemas de ovos batidas misturadas com queijo ralado; depois deixa-se ferver o caldo até tomar o aspécto de esfarrapado. E' muito recomendavel às pessôas fracas.

Pensamentos

O amor é filho da clemencia, a clemencia é filha dos deuses, sem ela todo o poder seria odioso.

O homem não sabe, infelizmente o que quere e engana-se muita vez nas ordens do destino.

Os homens crêem-se muitas vezes de grande importância, nada mais tôlo do que o seu orgalho.

(La Fontaine).

EM VOLTA DUMA COROAÇÃO

Guardas reais à porta do palácio de Buckingham

Na tradicional Inglaterra onde tudo se conserva como foi instituido, tradicionalismo êste, que só é louvável, porque os paizes que destroem ou não conservam as suas tradições, tendem a desaparecer, é um caso grave uma coroação.

Morre um rei, é posto no trono outro rei, mas a coroação só muito mais tarde se realiza, porque, não só os preparativos materiais ocupam muito tempo, mas também é preciso atender ás imensas prorogativas das nobres famílias, que formam a aristocracia inglesa.

Desde a morte de Jorge V, que foi marcada a coroação para Maio deste ano. Espaço de tempo tão longo, que deu azo a que houvesse tempo, para Eduardo VIII, por uma inclinação de amor, abdicar e entregar a corôa de seus antepassados a seu irmão o duque de York, que subiu ao trono com a designação de Jorge VI, e, que será êle o coroado em 12 de Maio, em vez de seu irmão.

E' tão complicada uma coroação agita-se de tal maneira a aristocracia da velha e formal Inglaterra, que é necessário recorrer ao Tribunal dos Privilégios, que é quem resolve sôbre todos os assuntos.

E têm sido ardentemente discutidas as prorogativas hereditárias a que ninguém renuncia para a coroação de 12 de Maio. O Tribunal de inapelável sentença, tem assento na sala do Conselho Privado da Corôa, preside-o, o Juiz da Coroação, assistido por seis juizes nomeados para êste efeito pelo Rei.

Tem de discutir e julgar todos os direitos que têm os membros rivais, da mais antiga nobreza aos 20 previlégios hereditários para a real coroação.

Os juizes usam a toga e a cabeleira do seu alto grau. O conde Marechal do Reino o seu uniforme escarlate, e, os juizes laicos, chamemos-lhe assim, o costume de côrte em veludo negro e bordado a ouro.

Os assuntos a discutir parecerão talvez fúteis na época de hoje, mas tudo tem importância num país tradicionalista, e, tanto assim é julgado que as partes em causa, são representadas pelas mais excelsas luminárias do fôro de Londres.

E como a discussão versa não sôbre factos em causa, mas sôbre direitos aos títulos e históricas prorogativas; os conhecimentos históricos e heráldicos eram tão necessários que parecia tratar-se duma disputa para uma herança de que dependesse o futuro de tão ilustres famílias e podemos chamar-lhe, sem errar, um tribunal de heráldica.

Ao conde de Aucaster, grande camarista do reino, foi negado o privilégio de vestir ao Rei todos os seus paramentos no dia da coroação e receber como paga 36 metros de veludo escarlate e uma tribuna só para êle na abadia de Westminster. A razão dessa negativa é a seguinte: Os arquivos do Estado mostram que desde 1307, no tempo de Eduardo II, o Lord Camarista recebeu os 36 metros de veludo, e, análogo registo se encontra no tempo de Eduardo IV. Ainda com Carlos II e até Jorge IV, o Lord Camarista recebeu o veludo de Génova, mas... o veludo era acompanhado da tribuna. O veludo passava, mas a tribuna!

O conselho da coroação não sabe o que ha de fazer, para acomodar todos os convidados na abadia e o conde de Aucaster, quer uma tribuna para êle só! privilégio que se perdeu, porque se dantes a distribuição de lugares competia ao Lord Camarista, hoje pertence ao ministério das Obras Públicas.

Os marqueses de Hastings tinham esporas de ouro desde 1189 quando foi coroado Ricardo I. Não existem sinais de esporas de ouro para as coroações dos reis João ou Henrique III em 1216 ou na de Eduardo I em 1272, mas tornam a encontrar-se na coroação de Eduardo II.

«Por que direito usou êste Hastings, as esporas de ouro é um mistério, é provável que as usasse como representante de alguem». Isto disse um contraditor, que acrescentou, que os Hastings eram usurpadores do título e de todos os seus privilégios.

O tribunal, porém, pronunciou-se a favor dos Hastings, visto que a usurpação dura ha mais de trezentos anos e assim o marquês de Hastings ostentará as esporas de ouro.

O mais pitoresco de todos os privilégios foi cortado de vez e para sempre, da lista. Era o de «Campeão do Rei». Desde o tempo de Jorge IV um nobre senhor tinha o privilégio de se apresentar na soleira da porta de Westminster, enquanto se realizava o banquete da coroação, e, montado num cavalo preto desafiar para mortal combate quem ousasse contestar o direito do rei à corôa, e como isto acontecia durante o banquete, ninguem trocava as apetecíveis vitualhas, por um tão temível convite.

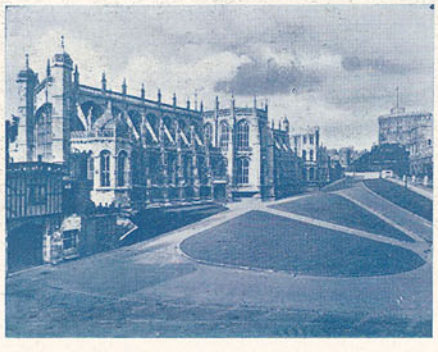
Mas na coroação da rainha Victória ninguem teve êsse privilégio, que foi também abandonado por Eduardo VII e Jorge V, assim o Tribunal não deferiu o requerimento de Lord Scrivelloby, que o desejava ter e duma vez para sempre, foi êsse privilégio riscado.

Ao marquês de Winschester, primeiro marquês de Inglaterra, foi negado o privilégio de usar o barrete da paz, e, ninguém preparará também o célebre prato de sopa de urso, para o real banquete.

Foi reconhecido ao duque de Newcastle o privilégio de fornecer ao rei uma luva branca para a mão direita e segurar-lhe o braço direito quando o rei empunhar o ceptro.

Ao conde de Shrewsburg foi concedido o de usar uma longa vara branca.

O conde Marechal, foi também encarregado de mandar a todos os Pares do Reino instruções sôbre a maneira de se vestir para a coroação do rei Jorge VI. Quem não tiver cargo a que corresponda um uniforme, usará o trajo de côrte e sôbre êsse o grande manto de veludo escarlate guarnecido de arminho com uma romeira em arminho branco com tantas caudas negras como tantos são os graus de nobreza. Barão duas caudas, visconde duas e meia, conde três caudas, marquês três e meia, duque quatro caudas.



A capela de S. Jorge no Castelo de Windsor

Os Pares entram na igreja com a sua corôa na mão, e só a porão na cabeça no momento em que o rei fôr coroado, e usam a coroa de barão, visconde, conde, marquês ou duque, segundo o seu título, corôas heraldicas, que tem significação.

Para as senhoras da aristocracia, mulheres de pares, as «toilettes» exigidas assumem proporções alarmantes debaixo do ponto de vista financeiro. As «Peeresses» levam também o manto de veludo escarlate e se o número de caudas de arminho é o mesmo que o dos seus esposos, ha a acrescentar a cauda do manto, que para uma baroneza é de 90 centímetros para uma viscondessa 1 metro e 15 centímetros, uma condessa 1 e trinta e cinco centímetros, uma marqueza 1 e 60 e para uma duqueza atinge as proporções dum metro e oitenta centímetros. A borda de arminho cresce gradualmente; de duas polegadas para uma baroneza, para uma duqueza tem cinco polegadas.

O veludo deve ser de pura seda e são precisos tantos metros, que com o seu forro bordado e o rico cordão de ouro custam de 500 libras esterlinas, para cima. Juntando-se-lhe o vestido e as joias ficará carissima a «toilette» e cada senhora representará uma fortuna no dia da coroação.

Êste Tribunal que dá sentenças sôbre prorogativas e promulga leis de «toilette» não foi instituido agora, existe desde a coroação de Ricardo II, êsse rei que foi coroado com onze anos apenas, filho do Principe Negro e feito rei no meio de tantas discussões e guerras e para evitar uma guerra, êle foi criado, tal a discussão que entre barões se levantou, para saber a quem tocava levar o pálio.

E desde 1337 êsse Tribunal decide como devem ser as coroações, quais as prorogativas que cabem a cada família, e como ha sempre neste mundo quem queira usurpar os direitos alheios, as discussões são sempre imensas a cada coroação que, na tradicional Inglaterra, se faz dum novo rei.

Ricardo II teve uma genial ideia, ou antes aqueles que por êle governavam, quando subiu ao trono, porque uma criança de tão pouca idade não podia tomar uma tão sensata medida.

As modistas de Londres, estão completamente assoberbadas de trabalho. Todas as «ladies» querem deslumbrar com as suas «toilettes» e nenhuma desiste de ser a primeira elegante do Reino Unido, os cabeleireiros terão a sua vez nas vésperas do grande dia e certamente haverá senhoras que terão de ser penteadas dias antes como acontecia ás nossas avós, no tempo do Senhor D. João V em vesperas da procissão de «Corpus Christi» que ficavam toda a noite sentadas em cadeiras para não desmanchar o penteado, que era um verdadeiro monumento.

Os joalheiros terão também a sua hora feliz e assim uma coroação não é sómente motivo para pôr em movimento um Tribunal, é a côrte, a cidade de Londres e toda a Inglaterra que estão agitadas no afan de tornar memorável a coroação de Jorge VI.

Êste príncipe que teve sempre as simpatias do seu povo assim como a rainha, que alia á sua imensa bondade uma invulgar inteligência, junta a uma grande actividade.

Formada em medicina tem sido notável a sua obra a favor dos hospitais de Inglaterra e sobretudo dos de Londres, ou de quando era duqueza de York ia assistir aos tratamentos e interessar se pelos doentes, que duplamente a interessavam como mulher de alma caridosa e como distinta médica.

As suas encantadoras filhinhas principalmente a princesa Isabel herdeira do trono são adoradas pelo povo e quando fazem o seu passeio em Hyde Park são sempre aclamadas com um verdadeiro entusiasmo.

E' pois natural que esta coroação interesse todo o Império Britanico e suscite o desejo, aos ingleses nobres, de manter bem alto as prorogativas de suas ilustres famílias.

Maria de Eça.

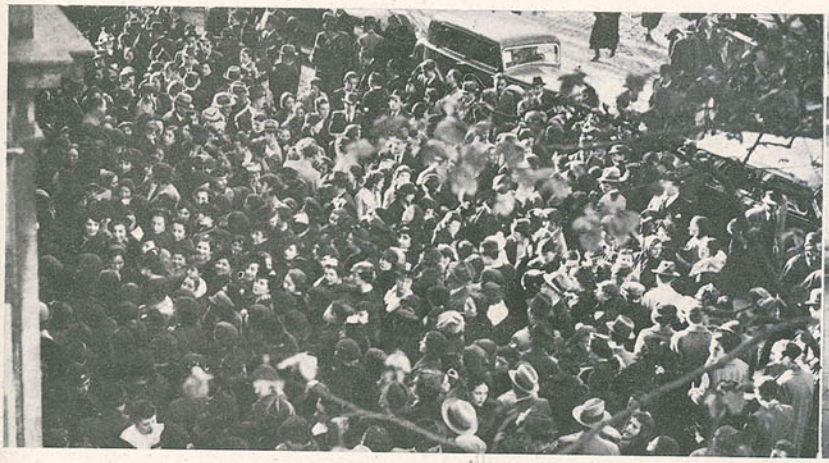
FIGURAS E FACTOS

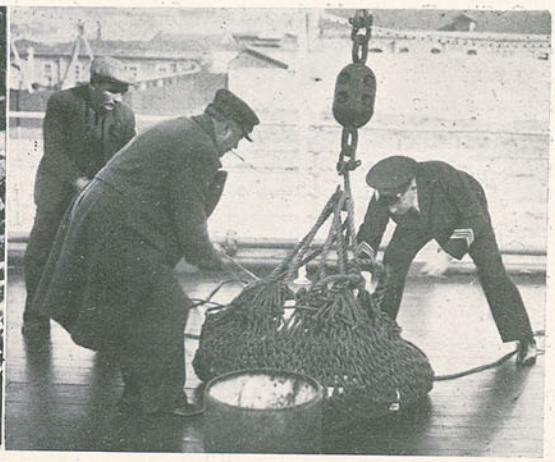
DR. AUGUSTO D'ESAGUY

Higiene e Profilaxia é um novo livro do dr. Augusto d'Esaguy que contém as últimas conferências realizadas por êste ilustre médico na Emissora Nacional e que alcançaram o maior êxito. E' uma obra de vulgarização de ideias médicas, que tem o maior interêsse, quer pela doutrina, quer pela clara e elegante linguagem em que está escrita. Possuí-la é ter sempre perto o mais desvelado defensor da saúde

DR. JOÃO DE BARROS

O ilustre escritor dr. João de Barros realizou há dias, na Sociedade de Geografia uma notável conferência sôbre a «Visão do Brasil contemporâneo», em que afirmou ser «a obra do Brasil vasta e grandiosa nos mais variados aspectos da civilização, e prosseguir, activamente, numa marcha acelerada para um futuro consciente». Defendeu ainda «uma ampla e estreita aliança com o Brasil, que pode não ser de hoje mas que fatalmente será de àmanhã porque é uma ideia crisálida que morrerá apenas quando fôr uma realidade»





Um aspecto da multidão em frente da igreja da Encarnação, no Chiado, em Quinta Feira Santa, na sua tradicional romagem aos templos. — A' direita: o comandante do *Alcântara* chegado de Southampton, conferindo com dois operários os 15.100 quilos de prata em barras, no valor de 5.600 contos, que trouxe para a nossa Casa da Moeda

O novo ministro da Polónia em Lisboa, sr. Karol Dubiez Penther, em frente do monumento aos Mortos da Grande Guerra, prestando homenagem aos nossos heroicos combatentes. — A' direita: inauguração de um fontenário público na travessa da Póvoa, ao Bonfim, que domina um dos centros mais populosos da cidade do Pôrto. Houve, como se vê na gravura, entusiásticos festejos, com curiosos bailados e cantos regionais

Charlie Chaplin (Charlot)

O PODER DO GÉNIO

CHARLOT — O UNICO

Como o genial artista criou o seu inconfundível personagem

O filme Tempos Modernos *que Charlot criou há mais de um ano, e que Lisboa está admirando agora, veio matar algumas das muitas saüdades que tinhamos já do insigne criador do* Circo, *da* Quimera do Oiro, *das* Luzes da Cidade, *e de tantas obras primas que não mais esquecerão.*

Como criou Charlot o seu inconfundível personagem?

Êle próprio o contou, há desoito anos, nas páginas da revista-magazine Alrededor del Mundo, *de Madrid, nos seguintes termos:*

QUANDO eu comecei a trabalhar para o cinematógrafo, nem ao de leve me passou pela mente que teria de ficar ligado permanentemente a esta indústria.

Com efeito, o cine era olhado, então, como um negócio bastante precário, como uma coisa que só produziria dinheiro durante curto praso.

A primeira vez que fiz uma película foi em Los Angeles, cidade que, desde a origem do cinema, tem sido uma espécie de grande centro de produção.

Na América, os que vivem do cinema, chamam a Los Angeles o "quartel general", tal como a gente do teatro chama a Nova York.

Foi a companhia Keystone que me ofereceu ocasião para ingressar no cinema, o que me alegrou imenso, pois representava uma bela oportunidade para adquirir a experiência de que carecia na realização de certos planos há muito elaborados.

Quando solicitei lugar na casa Keystone, acompanhava-me Albert Austin, que ainda figura na minha companhia, e que fôra comigo da Inglaterra, quando fiz a minha primeira *tournée* de *vaudeville* pelos Estados Unidos. A nossa segunda temporado foi a de 1911, e neste ano consegui contrato, pela primeira vez, no cinema.

Austin e eu tinhamos trabalhado na companhia de Fred Karno, fazendo o sainete lírico intitulado "Uma noite em um *music-hall* de Londres". O meu ordenado era de dez libras esterlinas por semana, sendo a hospedagem por minha conta.

Tinha de fazer um bêbedo, segundo o papel que me fôra distribuido. Foi então que eu observei que certo movimento dos pés, saltando para trás numa perna, e movendo-me como o que sofre de ataxia locomotora, divertia imenso o público.

Os meus companheiros opinavam que isto representava um grande recurso cómico, porque fazia rir sempre.

Para a minha primeira fita, puz uns sapatos muito grandes, a conselho de Austin, que afirmava resultar assim mais grotesco o meu andar.

Se bem me lembro, o filme não tinha título. Era apenas uma série de disparates movimentadíssimos. Eu pescava com a minha bengala um molho de morcelas, e o tendeiro corria atrás de mim.

Charlot

Neste caso figuravam várias raparigas, mas não me recordo do que se tratava.

Foi esta a primeira película em que me vi, e dela tirei novas ideias.

Observando o público que ia vêr o filme, notei que todos se riam dos meus pés e da minha bengalinha. O chapeu de côco também dera no gôto daquela gente.

Convém não desperdiçar qualquer recurso para fazer rir. Portanto, conservando os que já tinha, dediquei-me a inventar outros. Assim, seguiram-se as calças desbarrigadas e o casaquinho justo. O Charlot actual foi sendo feito gradualmente. No entanto, há um par de anos que mal lhe toco porque o público protesta contra qualquer modificação. Os meus amigos só me querem vêr como me viram pela primeira vez. Calcule-se que, tendo eu aparecido num filme, tal como sou, envergando fraque, o público fez-me um acolhimento tão frio que nunca mais o esquecerei.

A primeira semana que trabalhei para a casa Keystone, recebi 125 duros, mas, na semana seguinte, passei a receber 150. Pelo visto, convinha-lhes...

Nessa altura, ninguem exigia grandes coisas do cinema. Ninguem se manifestou bastante profeta para augurar que êste invento viria a ser o "menino mimado" do público. Chegavam a olhá-lo com a mesma falta de interêsse com que se olha um engeitado.

Era um passa-tempo como tantos outros, mais um número nos circos e nos teatros de variedades, e nada mais. Não ocorria fôsse a quem fôsse desenvolver numa película todo um drama ou qualquer assunto novelesco. O público dava-se por satisfeito com muito movimento, e, assim, um cão ou um gato correndo, um galo ou um pato voando, constituiam uma grande novidade. Durante algum tempo, parecia bom tudo o que aparecia na tela, mas depressa o público começou a exigir assuntos. Hoje em dia, a arte, segundo creio, intervem mais no cinema do que no teatro. O que no primeiro pode chegar a conseguir-se, não tem limites. Para que o cinema tenha conseguido ser o que é hoje, foi necessário vencer dificuldades enormes, havendo, no entanto, muitas outras a vencer.

Mas voltemos à minha história.

Depois de dois anos e meio na casa Keystone, estive algum tempo na Essanay, firmando depois com Mr. John R. Freuler, presidente da Mutual Film Corporation, um contrato para fazer doze filmes num ano por 1.350.000 pesetas. Calcule-se o esforço que tive de fazer para aparentar serenidade diante de Mr. Freuler, quando puz a minha assinatura no contrato. Sabia muito bem o dinheiro que as minhas fitas costumavam dar, mas custava-me a habituar à idéia de ganhar tanto dinheiro. Recordo-me até que pensei em várias instituições filantropicas, às quais pudesse enviar uma parte da fortuna que caía sôbre mim. Não tive grande trabalho em esforçar a memória à procura das sociedades de benfazer, porque tôdas elas tinham já o meu endereço!

Se me consagrei ao género cómico, é porque me convenci de que era êste o preferido pelo meu público. A maioria dos que vão ao cinema, preferem os filmes chistosos. Pela parte que me toca, julgo que em nenhum outro género teria conseguido agradar tanto. Uma ou duas vezes tentei fazer "coisas sérias", mas confesso que não me entenderam ou, pelo menos, o público demonstrou que não sabia ou não podia apreciar os meus esforços para triunfar nêsse novo caminho. Não é sòmente no género dos filmes que não posso já mudar, é também nos meus gestos, na minha indumentaria que têm de ser sempre os mesmos. Cada vez que pretendo variar de tipo, há protestos. Começam pelas crianças que são as minhas melhores amigas; seguem-se as mulheres que são as minhas segundas amigas, e quanto aos homens, entendem talvês que estou condenado a levar o mesmo trabalho tôda a vida, chegando até a indignar-se se reparam que um dos meus botões mudou de sítio.

O mais curioso dos meus êxitos no cinema, é que procedem de uma origem bem mísera. Ainda que nascido em França, sou filho de pais inglezes e passei a minha juventude em Londres. Nesta grande cidade houve noutro tempo muitas tabernas famosas, uma das quais era a do "Elefante e o Castelo", que ainda existe, embora reconstruida e modernizada. Encontra-se num dos pontos de Londres em que há sempre mais movimento de omnibus e carruagens de tôdas as classes. Êsse sítio é conhecido por tôda a gente pelo nome de *Elephant and Castle*. Pois bem: o modo especial de andar e os meus movimentos atáxicos aprendi-os de um pobre velho que, diante da taberna, se dedicava a segurar os cavalos dos carros de aluguer, enquanto os cocheiros entravam a molhar a goela. O infeliz era fisicamente uma ruína.

Segundo parece, padecia dessa terrível doença da medula espinal, a que os médicos chamam ataxia locomotora progressiva, e que consiste no atrofiamento de certos tendões nervosos, o que provoca a falta de condenação nos movimentos.

Bill, assim chamavam ao meu pobre personagem, encontrava-se naquela fase da doença a que chamam ataxia dinâmica muscular, caracterizada pelo andar extravagante em que se bate com o pé no chão, e logo se deita a perna exageradamente e sem direcção fixa. Era um tipo digno de compaixão, mas os seus grotescos movimentos divertiam-me tanto que me ocorreu imitá-los para divertir, primeiro a alguns amigos, e, em seguida, ao público.

Não será muito humanitário arremedar um inválido, mas é muito humano. Poucos serão os que possam gabar-se de não ter feito nada nêste sentido.

Hoje alegro-me de o ter feito. A não ter sido êsse pobre Bill e a sua ridícula ataxia, eu, provavelmente, a estas horas, continuaria ganhando os meus cem duros por semana como actor de *vaudeville*, ou em alguma companhia ambulante, ou, quando muito, teria conseguido mostrar-me em alguma opereta nos Estados Unidos. Hoje creio que devo consagrar-me indefinidamente ao cinema. E, com isto, já tenho bastante.

Charlie Chaplin.

Paulette Goddard no filme Tempos Modernos

Em boa verdade, não se poderia ter maior franqueza, nem encontrar meio mais bizarro para atingir a originalidade. Qualquer outro teria ocultado certos pormenores dolorosos e faria crer que a escolha do seu tipo lhe ocorrera num dos seus muitos jactos de inspiração extraordinária.

Ao vermos hoje Charlot, tal como o vimos há trinta anos, preguntamos que idade terá êle, pois parece estar sempre na mesma. Os invernos passaram por êle sem o envelhecer. Que lhe embranquecessem os cabelos, bem estaria, visto que havia o recurso de os tingir... Mas a agilidade? Para essa é que não há loções nem disfarces...

Uma cena dos Tempos Modernos

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — R. 3.
Copas — R. D. V.
Ouros — — —.
Paus — A. 10, 6, 5, 3, 2.

Espadas — 7.	**N**	Espadas — 10, 8, 5.
Copas — 6, 4, 3.	**O E**	Copas — — —.
Ouros — A. 6, 5, 4, 3.		Ouros — 10, 9, 8, 2.
Paus — 9, 8.	**S**	Paus — R. D. V. 7.

Espadas — D. V. 9.
Copas — 10, 9, 8.
Ouros — R. D. V. 7.
Paus — 4.

Trunfo é espadas. *S* joga e faz tôdas as vasas.

(Solução do número anterior)

N joga V. *o* e **S** — A. *p*.
N — 3 *c* e **S** — A. *c*.
S — 2 *p* e **E** faz o 5 *p* e joga depois o 5 *c*. **N** — faz o 8 e 10 de copas e não podendo **O** defender ouros e espadas, **N** e **S** fazem as outras 2 vasas.

A aviadora «coquette»

Miss Jean Batten, ao deixar o aerodromo de Lympne para o seu raid à Nova Islandia levou no seu avião um guarda-roupa completo. Ela própria cuidou da embalagem e teve tôda a cautela em mandar meter as malas num canto do aparelho onde algumas insidiosas de óleo não fôssem causar dano.

Aos vestidos e casacos, a aviadora juntou uma porção de bonitas peças de roupa condizentes com as suas *toilettes*. Assim fornecida, tanto poderia nas suas escalas assistir a um baile, como a um chá ou qualquer outra cerimónia.

Numa aldeia que se descobriu na província de Kweichow, na China, tôda a gente vive até aos cem anos ou mais.

Habitam, ali, um cento de famílias e o habitante mais velho de todos, tem 180 anos de idade.

Os árabes e sarracenos introduziram o algodão na Europa ocidental no século IX, mas foi só no século XV quando os negociantes de Génova trouxeram o algodão para a Inglaterra, que a sua importancia comercial e industrial se realizou. Embora Colombo não dê descrição alguma sôbre forma de o algodoeiro, mais tarde, exploradores portugueses e hespanhois encontraram vestuarios de algodão, e o mesmo cultivado pelos Índios das Antilhas, México, Peru e Brasil. Os primeiros historiadores portugueses descrevem o algodão como o encontraram no Brasil.

Comparando os números

(Problema)

A-25852
B-82255 E-96369
C-17971 F-42808
D-21633 G-35953

Aqui estão sete grupos de números. Tomemos o grupo A por modêlo e comparemo-lo com cada um dos outros.

Vejamos se se pode distinguir alguma semelhança entre os diversos números. Essa semelhança tanto pode ser nos algarismos empregados, como na sua disposição, como na maneira por que alguns dos algarismos foram mudados.

Trata-se, pois, de descobrir quais, de entre os seis grupos de B a G, são os decidamente, têm qualquer semelhança com o grupo A, sob qualquer das fórmas apontadas.

(Do «Tit Bits»).

Armand Silvestre, ouvindo falar de um toureiro célebre, declarou solenemente:

«— A tauromaquia é arte de se agredir sem perigo, depois de terem sido tomadas tôdas as precauções contra o agredido. Eis no que consiste a tão apregoada bravura do vosso toureiro que todo o mundo admira!»

O segundo lugar

O novo príncipe consorte da Holanda tem sabido, por alguns gestos simpáticos, conquistar o coração dos subditos da rainha Guilhermina. Quando era ainda noivo, mandou construir um *tandem* e efectuou nêle algumas pequenas excursões, em companhia da princêsa Juliana.

Mas, para assinalar bem que, no Estado, apenas ocupa o segundo lugar... foi à sua noiva que cedeu o lugar da frente e a direcção da manobra.

Valeu mais, para a popularidade do príncipe, esta graciosa atenção do que um cento de discursos que êle tivésse pronunciado.

Morreu últimamente, nos meados de 1936, em Liverpool, com 74 anos, sir Frank Hornby, antigo deputado da Câmara dos Comuns, de Lonmas que alcançou maior notoriedade por ter sido o inventor do moderno brinquêdo ciêntifico *Meccano*, que tanto distrai não só as crianças como também os adolescentes e, às vezes, até... os próprios adultos.

Conta-se mesmo que um rapazito a quem tinha sido oferecido um dêsses brinquedos, ao agradecer o presente a quem lho oferecera, acrescentára: — Mas sábe, que tenho de me contentar em vêr meu pai fazer as construções, porque êle tira-mo, todo o tempo, para se entreter!

Palavras cruzadas

(Solução)

■	■	A	G	N	U	S	■	■
■	■	L	■	■	■	E	■	■
U	I	V	O	■	L	U	A	R
N	■	A	S	■	A	S	■	O
G	■	■	■	■	■	■	■	U
I	■	A	S	■	U	T	■	C
R	O	L	A	■	M	I	M	O
■	■	B	■	■	■	T	■	■
■	■	A	N	T	Ã	O	■	■

Ilusão óptica

Reparem nestas quatro linhas atravessadas por várias outras mais pequenas. Custa a acreditar que essas quatro linhas verticais sejam tôdas paralelas, mas se verificarem o facto com uma régua, verão que assim é efectivamente.

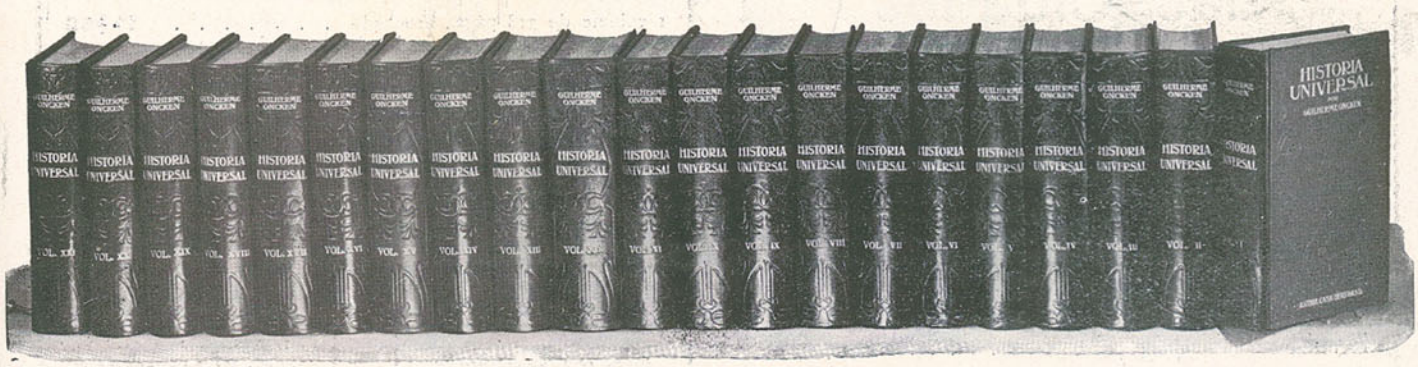
A inclinação das linhas pequenas que as atravessam é que nos dá a ilusão de que num ponto se afastam e noutro se aproximam umas das outras.

Um astrónomo inglês, professor da Universidade de Cambridge, anunciava há tempos que «a estrêla polar há-de, em dado momento, abandonar o seu posto, para se ir juntar à constelação do Dragão, e que quando se der êsse fenómeno os gelos do polo fundir-se-ão, e a água, em caudalosas correntes, inundará os continentes, submergindo-os».

Daqui a muitos mil anos, está claro...

Marido e mulher, estão discutindo o seu rebelde e incorrigível filho, de 6 anos.
Ela: — ***Parece-me que o que temos a fazer é procurar uma mestra para casa, uma disciplinadora austera...***
Ele: — ***Não serve de nada, verás. O melhor será contratar um domador de feras.***

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17$^{cm.}$×26$^{cm.}$, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

DUAS MODALIDADES DE VENDA

A pronto pagamento, apenas **Esc. 1.228$50**

Em 20 prestações mensais de Esc. 75$00 com resgate por sorteio mensal, Esc. 1.500$00

COMO É O SORTEIO? Os recibos das prestações com direito a sorteio levam o número da inscrição (só dois algarismos). Quem tiver o número igual aos últimos dois algarismos do numero premiado com o 1.º prémio da última lotaria do mês **NADA MAIS TERÁ QUE PAGAR** liquidando assim o débito que nessa data tiver de prestações a vencer. **ASSIM PODERÁ SALDAR O SEU DÉBITO, APENAS COM UMA OU MAIS PRESTAÇÕES** conforme a sorte bafejar o comprador. Desta grande vantagem **NÃO BENEFICIARÁ O COMPRADOR** que estiver em atraso de uma ou mais prestações.

Mediante pequena formalidade o comprador apenas com o pagamento da 1.ª prestação poderá levar a obra completa para sua casa

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

VIAGENS

Acaba de aparecer:

Categoria Literária das Cidades

POR LUIZ TEIXEIRA

A arqueologia e o pitoresco das cidades — Como viajam os franceses — Como viajam os americanos — Como viajam os portugueses — Paris — Londres — Atenas — Berlim — Hamburgo — St. Pauli — Hamburgo — Alemanha, país da cerveja — Gibraltar — Ilha de Malta — Nápoles — Veneza — A Sicília — Palermo — Redipuglia e Corfu — A Tripolitania — A Africa e a aventura — Regresso: Algarve em flor — Conselhos e confidências a quem parte: Viajar — A «toilette» — O amor — Itenerários no Adriatico

1 vol. de 242 págs., broch. . . . . **10$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A PROSA ADMIRAVEL DUM GRANDE ESCRITOR

À venda a 3.ª edição de

NEVES DE ANTANHO

do CONDE DE SABUGOSA

Ignez Negra. — Amores do Senhor D. Jorge. — D. Brites de Lára. — Um romance na Côrte de D. João III. — Desculpa de uns amores. — A filha de D. Pedro Nunes. — Sóror Violante do Céo. — D. Francisco Manoel de Melo. — Antónia Rodrigues. — Amor aos livros. — Ramalho Ortigão. — Um beija-mão de Ano Bom no Paço da Ajuda.

1 volume de 318 págs., brochado . . . . . **12$50**
Pelo correio à cobrança mais 2$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA
1 volume encader. com 351 páginas. **25$00**

DEPOSITÁRIA:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado
6$00

Depositária:
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dr. Bengué, 16, Rue Ballu, Paris.

BAUME BENGUÉ

Apr. D. S. P. em 03-1913 sob o N.º 28

RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR-DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

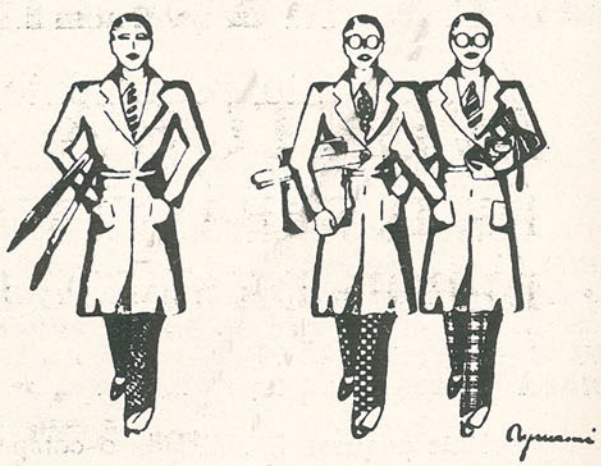
TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

GRAVADORES
IMPRESSORES



TELEFONE 2 1308

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 7.ª EDIÇÃO

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a côres e oiro . . **12$00**
Pelo correio à cobrança . . . . . **13$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

À VENDA A 3.ª EDIÇÃO

AVENTURA MARAVILHOSA
DE D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL, DEPOIS DA BATALHA COM O MIRAMOLIM

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 318 páginas, com uma artística capa de Alberto de Sousa, brochado **12$00**
Pelo correio, à cobrança **14$00**

Edição da LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS
DE
JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
— (1.ª edição), 1 vol. br. ... 15$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br.... 12$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
AO OUVIDO DE M.me X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. 10$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DIÁLOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ... 1$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17$00; br. ... 12$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15$00; br. ... 10$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17$50; br. ... 12$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol. ... 2$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ... 1$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17$00; br. 12$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. ... 6$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9$00; br. ... 4$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ... 3$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. 1$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. 3$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. 2$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. 4$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 4$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. ... 2$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14$00; br. ... 9$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ... 5$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. 2$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11$00; br. 6$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ... 3$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. ... 8$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13$00; br. 8$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

ASSINATURA EXTRAORDINÁRIA

para venda dos últimos exemplares desta edição

Os três volumes da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são **um álbum e guia da literatura portuguesa** contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, **gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc.** O volume 1.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres fora do texto e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro, o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fora do texto e 2.157 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, é escrita pelas **mais eminentes figuras da especialidade,** nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sôbre vários assuntos firmam artigos **A. Botelho da Costa Veiga, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Alfredo Pimenta, António Baião, Fidelino de Figueiredo, Gustavo de Matos Sequeira, Hernâni Cidade, Joaquim de Carvalho, José de Figueiredo, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge,** etc., etc.

Cada fascículo de 32 páginas, profusamente ilustradas,

Esc. 10$00

Aceitam-se assinaturas para todos os pontos do país

Examinem o fascículo-espécime em qualquer livraria

ou na

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett — LISBOA

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade — Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica — Géneros alimentícios — Lavagens — Colas — Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais domésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação — Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas e cimentos — Socorros de urgência — Lavores e passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Tecidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

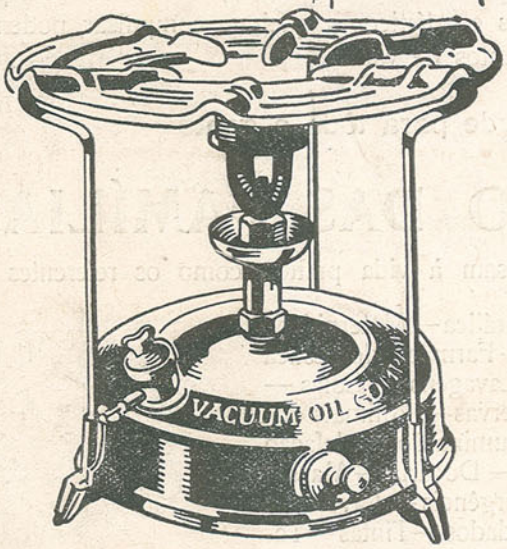
Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . **Esc. 30$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 – LISBOA

Hoje há arroz dôce!



A mãezinha fez hoje arroz dôce no Fogareiro Vacuum. Foi num instante! Está catita! Eu já provei um bocadinho.

O Fogareiro Vacuum dá uma linda chama muito forte. Mas não é por isso que eu gosto dêle — é porque desde que êle está cá em casa há mais vezes dôce.

Se V. Ex.ª quizer um Fogareiro Vacuum feito em Portugal, peça o VACUUM N.º 2

FOGAREIROS VACUUM

USAR SEMPRE PETROLEO SUNFLOWER

1582